

JORNAL DE 2^a FEIRA

JUNDIAÍ, DE 6 A 12 DE OUTUBRO DE 1975 — N.º 14

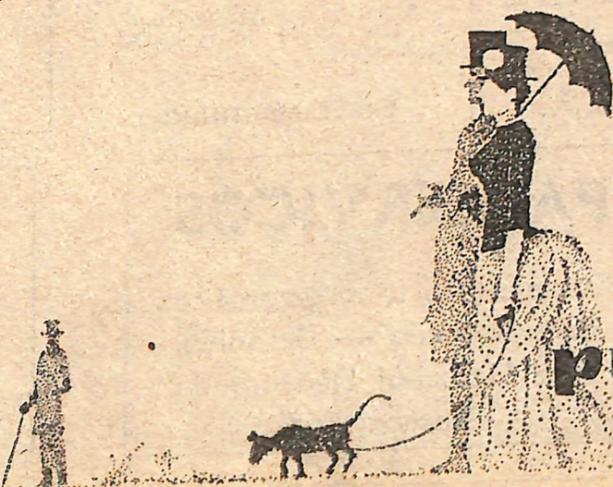
A FOTOGRAFIA



O PREFEITO EXIBE-SE PAG 8,9

A MÁSCARA NEGRA DE VADO PAG 10

PERCIVAL DE SOUZA VS. DR. SMITH PAG 7



promenade des invalides

PAG 15

córrego do mato, aliás,

Canto Chorado

Corre um peixe por aí dizendo que vão trocar o nome do Córrego do Mato.

Vai se chamar "Jaqueline".

Como deixa perceber, o gesto visa lisonjear a sofisticada viúva de dois nomes internacionais da política e da pecúnia.

A princípio, a idéia me pareceu pueril e extravagante. Mas, logo a seguir, corrigido o raciocínio, comecei a notar a verossimilhança, ao me lembrar que Jaqueline é franzina, solitária e perdulária.

Quanto ao córrego, agora com a estiagem, perdeu a sua proverbial característica, passando a ser tratado simplesmente como rego — o rego do mato.

Mas aí está. Se por um lado fica bem, por outro já não fica. Falta o mato no rego.

A indesejável barba de bode deu lugar a uma "substancial" camada asfáltica contra a qual os maldizentes vivem a vociferar, com exigências mesquinhas tais como concorrência à base de preços unitários e outras corriqueirices muito íntimas de uma dúzia de catões de fancaria que vivem a pregar moral aos outros mas que talvez nem sigam seus próprios conselhos.

Nem tudo o que é mais barato é mais conveniente. Quem é que não sabe disso?

Aqui na buracolândia — é como estão chamando a cidade em homenagem à buraqueira das ruas — existe um grupinho metidoço que vem fazendo cavalo de batalha em torno daqueles 40 milhões que poderiam ter sido poupados e não foram.

A esta altura do tempo, porém, em vendo o asfalto serpenteando pelo vale da salvação, já devem ter calado a sua maledicência. O milagre está lá para quem quiser ver, na plenitude da sua impecabilidade. Que são mais 40 milhões comparados com aquela obra de esteta, um capolavoro na linguagem pitoresca do italiano?

E isso não é tudo. Vocês vão ver quando ele (o rego) engatar com as "modernas avenidas que estão rasgando a buracolândia"; avenidas que a miopia dos incrédulos não os deixa enxergar.

Nesse dia, os reacionários se renderão penitentes ao "primus inter pares".

Se o córgo virou rego,

Num repente.

Exaltando a viúva rica

E seu tesouro

Deixou de ser córgo

Simplesmente

P'ra ser rego de ouro.

Se antes era um córgo vagabundo

Hoje é o rego mais caro deste mundo.

SIMÃO



O que vai pelo mundo

Normalmente, não me sobra tempo pra ouvir programas de rádio.

Outro dia, porém, peguei um táxi, aqui em Jundiá, e o rádio de bordo, mal sintonizado e em volume estarrecedor, me fez ouvir clarinas, vozes em câmara de eco e o anúncio de um programa local de notícias "sobre o mundo".

O apresentador do programa começou a falar do goiano que faturou a loteca sozinho. Durante os cinco minutos que viajei de táxi, o cara só falou do goiano. E dizia que sentia pena, jurava que sentia pena do pobre homem que a partir daí não poderia mais olhar pra mãe dele com tranquilidade, coisas assim.

Chego em São Paulo e tomo um táxi. Outro apresentador de um programa da Tupi faz comentários, não "sobre o mundo", mas sobre a vida das suas ouvintes, que telefonam pedindo pra tocar músicas (quase todas do próprio apresentador, coincidentemente cantor).

Então, fico pensando com meu zipper: falam que o papel aceita tudo, mas as pobres ondas herzeianas... o que elas têm de carregar pelos ares não é bolinho!

Mais tarde, comento com um amigo a babaquice desses programas e vem uma explicação razoável: as emissoras selecionam seus locutores partindo de um critério básico: a qualidade da voz. Assim, os fala-grossos ganham o emprego para, inicialmente, dizerem "Vamos ouvir... acabamos de ouvir".

O tempo passa, eles adquirem cancha e, de repente, assumem um programa somente deles.

E o cara de voz bonita, de momento para outro, passa a ser comentarista. De tudo: música, notícia, cinema, televisão, meteorologia.

Acontece que nunca se procurou avaliar a qualidade do miolinho dele.

Resultado: você ouve gargantas de ouro pensando em nome do público, dando versões de fatos, informando!

Quando ele é um pouco mais vivo, grava seus disquinhos, faz suas paradinhas de sucesso, se classifica, modestamente, em segundo lugar — logo depois do "Yes" — e assim nós vamos vivendo de amor, sorria, a vida é alegre e outros pensamentos positivos.

Enquanto isso, em centenas, milhares de casas, os radinhos ligados estão dando a versão do mundo a donas de casa, a quem o limite das 4 paredes da cozinha já não deixa serem muito arejadas. Ou as empregadas domésticas a quem a vida — e as donas de casa — já não deixam serem arejadas.

Ainda bem que essa lavagem (no sentido "comida de cérebro") cerebral vai somente de segunda a sábado. Porque domingo não tem essa de radinho, não!

A partir das onze da manhã tem Silvio Santos. Na tevê. Oba!

ERAZÉ MARTINHO



**TIPOGRAFIA
JUNDIÁ**
IMPRESSOS
EM GERAL

Rua Cel. Leme da Fonseca,
210 — Fone: 6-3099

PANSERVIÇOS

Composições Linotipográficas
Encadernação — Desenhos
Rua Marechal Deodoro da
Fonseca, 565

EXPEDIENTE — JORNAL DE 2.a-FEIRA

Propriedade da Editora Japi Ltda.
Rua Senador Fonseca, 1.044 — Fone: 4-2759
Redator-Chefe: Celso Francisco de Paula
Capa: Araken Martinho
Ilustrações: Ivan Martinho e Suzana Traldi de Souza
Oficinas Impressoras: "Diários Associados"
Rua 7 de Abril, 230 — São Paulo
Assinaturas
Semestral — Cr\$ 70,00 e Anual — Cr\$ 120,00

Também, assim, já é demais!

Acontecem coisas numa cidade interiorana que, talvez, fizessem corar até um frade de pedra.

Povoado plantado por bandeirantes, gente bruta que se atirava mato adentro levando suas restrições para plantar um País, não poderia, mesmo que quatro séculos já se tenham passado, deixar de carregar como índole uma posição conservadora de defesa de padrões que lhes teriam, como herança, sido transmitida.

Se nós, do *Jornal de 2.a*, nos levantamos contra iniquidades, também não poderíamos entrar de roldão gratuito — e apressados — defendendo os interesses daqueles que, sádicos, apenas aceitam argumentos quando estes levam os adversários a posições difíceis.

Temos nos batido, desde o primeiro número, contra coisas que vêm acontecendo em nossa cidade e que consideramos lesivas aos interesses coletivos. E se, por vezes, citamos nomes, só o temos feito com referência àqueles que detêm nas mãos o poder decisório sobre uma população. Se defendemos a necessidade de li-

berdade de imprensa, concordamos que esta mesma liberdade deva ser restringida para que o indivíduo isolado, com suas deficiências inerentes, biológicas, ao ser humano, seja protegido.

Embora pudesse isso frustrar parte de nossos leitores, preferiríamos não nos manifestar sobre fatos que ultimamente vêm acontecendo em Jundiá. Porém, se evitamos abordar questões pessoais, não seria lícito um recuo, um acovardamento. Se, em nossos lares, tentamos dar aos filhos uma consciência de respeito ao ser humano, se tentamos inculcar aos descendentes algo mais que uma necessidade de auto-afirmação, não seria agora que iríamos negar a essência.

Não pode nossa cidade permanecer irreversível purgatório, onde paguemos nossas penas mundanas à espera de um lugar ao lado do Senhor no Reino dos Céus. E quer ela, de seus homens públicos, senão o constante acerto, pelo menos que não se cometa a burrice de se insistir no erro.

Que o Sr. Prefeito, por patológico raciocínio, defenda-se, abalando-se sobre a pessoa de um antagonista político, seria de se aceitar, mesmo que tentando denegri-lo perante o Legislativo Estadual. Os meandros que em terreno sedimentário correm os rios do pensamento fogem aos trâmites que a razão determina. Porém, voltar à carga, em encoberto analfabetismo, e provocar que sobre Jundiá despenque toda a ira de um Estado é que é demais. E, ainda que o fizesse, que fosse respeitando a língua pátria, e não atravessando o camoneano idioma em erros de concordância e pontuação e na esquisóide apresentação de argumentos — e muito menos na tentativa de colocar-se como defensor de uma Revolução que não pode, não deve e não quer proteger maus administradores, que, useiros e vezeiros de atacar defensores da verdade, nada mais fazem que defender seus próprios interesses. Da maneira como fez, porém, não conseguirá iludir o povo da Petronilha terra.

Comentário sobre o exercício do poder

Treze números atrás, o primeiro *Jornal de 2.a* publicou um artigo onde Alberto Traldi (visionário?) demarcava a estreita linha que divide

poder e paranóia, o sadio e o insano no exercício do mando.

Pela atualidade do assunto, voltamos a publicar esse artigo.

“Todo homem deve ser respeitado como um fim absoluto em si mesmo”

— E. Kant

Há uma irreprimível tendência na maioria dos detentores de cargos públicos, seja nós que foram guindados aos seus postos por apoio das massas, dentro do sistema democrático, ou mesmo nos que conquistaram seu poder de decisão e autoridade nos meandros da política burocrática, em manter uma permanente atitude de auto-afirmação ante si mes-

mos e perante os que os escolheram ou sufragaram.

E, por essa mesma razão, quase sempre o detentor de posições de mando antepõe a sua personalidade, os seus anseios e suas ambições às reais necessidades e realidades enfrentadas pelo povo.

E surgem os conflitos de ordem econômica, sociológica, política e ecológica, provocados pela autodeterminação exclusiva dos detentores do poder, em detrimento dos componentes da absoluta maioria praticamente destituída de opções ou de instrumentos de protesto.

O carisma, o conceito de predestinação, o conceito de infalibilidade, sempre com o apoio dos protegidos

e dos parceiros na divisão dos proveitos do poder, passam a integrar a síndrome patológica e paranoica dos que se entregam ao abuso e não ao justo uso do poder.

É necessário ressaltar-se que o acima exposto não se aplica à classe de políticos, mas sim aos que se atiraram à política já em função da necessidade pessoal de poder e de exercício de mando.

E o grau de prejuízo sofrido pela comunidade não é, necessariamente, resultado da altura do cargo atingido, mas de outros fatores intrínsecos na personalidade que o ocupa.

Vaidade, ambição, sede de poder, superavaliação das próprias qualidades, tudo envolto na autopre-

petuação, como líder, como chefe incontestável pela grandeza de seus atos e altura de seus pensamentos.

E esse estado de espírito tem como consequência o afastamento de sua zona de influência, de todos os que possam, por seus conhecimentos, popularidade, influência política ou qualquer outra razão, fazer sombra aos seus pensamentos e obras.

Quando uma vez a auto-adoração gangrenou um cérebro, a doença é quase incurável.

Crê em seus próprios milagres. E cria monumentos e obras para si mesmo. Cercado por seu séquito, bajulado e dentro desse círculo fechado julga-se o Olimpo.

Porém, “uma coisa é ser homem de bem, perante si mesmo; outra, é ser homem de bem segundo os próprios homens” (Riche-lieu).

E os homens sempre acabarão julgando, mesmo quando as leis são inoperantes ante tais excessos e excessos, praticados na persuasão de que o carisma está acima de qualquer julgamento, e de que o próprio entusiasmo é a única lei a ser obedecida.

Mas, a verdade, como a aurora, ressurgue sempre. E o povo sabe que Lei é a que serve a maioria, e não a que serve o homem que só é bom perante si mesmo.

ALBERTO TRALDI

PALLETS E EMBALAGENS DE MADEIRA,
MATERIAL PARA CONSTRUÇÃO, MADEIRAS
EM GERAL, PARA INDÚSTRIA E CONSTRUÇÕES
— ISSO TUDO É COM



MADEGERAL

O maior mercado de madeiras da região
Rua da Várzea, 131 - Fones: 4-3166, 4-3822 e 6-7366



LAGO AZUL

RESTAURANTE
PIZZARIA
CHURRASCARIA
SAUNA * MOTEL

VIA ANHANGUERA, KM. 72

Zona Franca

(O leitor escreve, comenta e opina)

Novo atentado contra o Solar?

Novamente o Solar de Jundiá está sendo assunto de discussão. A Casa de Antônio de Queiroz Telles, Barão de Jundiá, em cuja homenagem temos o nome de nossa rua principal, de novo será motivo de luta para o destombamento.

Em março de 1972, houve um movimento na cidade, inclusive com plebiscito, para decidir a sorte do Solar. No entanto, o velho casarão, tombado pelo Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico, Artístico e Turístico do Estado, permaneceu em tal situação.

Com a morte da última herdeira do Barão de Jundiá, dona Setembrina de Queiroz Telles, o imóvel passou para as irmãs de São Vicente de Paulo, por testamento, e a polémica foi reiniciada. As alegações, então, eram de que o prédio continuava fechado e o museu não era ali instalado como se cogitara anteriormente. O então prefeito Walmor Barbosa Martins recebeu da Secretaria de Turismo do Estado um comunicado alertando-o acerca do decreto que seria expedido, proibindo a realização de quaisquer obras de construção ou reforma num raio de 300 metros em torno do imóvel tombado, a não ser com a aprovação daquele Conselho de Defesa do Patrimônio Histórico.

Agora, depois de três anos, a Sociedade de Amigos da Cidade, sob a presidência do prof. Leme do Prado, agita de novo o assunto, tudo levando a crer que sua intenção é tentar conseguir o destombamento e a consequente demolição do Solar, para que o progresso e a urbanização mudem o panorama da cidade.

Com tristeza e decepção assistimos mais uma vez esse atentado contra nossa história e seus documentos, e percebemos como realmente é frágil o respeito que muitos jundienses têm por tudo isso. O único monumento histórico da cidade, datado de 1862, residência da ilustre família Queiroz Telles, que deixou marcas indeléveis da sua contribuição à nossa comunidade, que tanto se destacou por sua posição sócio-econômica e política no Século XIX, enfim, a casa que hospedou D. Pedro II em sua passagem por aqui, parece não despertar, na atualidade, interesse algum além do comercial, ou seja, o valor do seu terreno, por estar situado num ponto excelente — excelente, talvez, para ser transformado em outro estacionamento de carros.

O progresso quer engolir tudo; o passado parece não ter nenhuma importância, a cultura se evapora.

Churrasco

Sr.: — Temos o prazer de convidar V.S. para participar de um churrasco em nossa chácara, no próximo dia 5, domingo, às 14 horas. Endereço: Chácara "Santo Deus", entrada do Posto S. Paulo, Via Marechal Rondon — Jundiá, S.P.

Aristides Bellezoni

Zetiserve

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LA VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
EM FUNCIONAMENTO A PARTIR DE 10 DE OUTUBRO
r. antonio segre, 504 JARDIM BRASIL.

FOTOCOPIADORA MALTONI



nós temos o melhor serviço de xerox da cidade.

rosário, 618 - fone: 6-8460

Então, para que estudamos a História? Será mera vontade de ver "coisas velhas"?

A História do Brasil é quase uma incógnita, por falta de documentos, pois, para o bem do progresso, as "coisas velhas" têm quer ser queimadas, demolidas, destruídas, dando lugar aos "espigões" ou outros monstros de concreto e cimento armados. E, no entanto, esses mesmos destruidores apreciam "coisas velhas" e, quando podem, vão ver as "velharias" da Europa, como Veneza, Roma, monumentos parisienses, as pontes londrinas, cidades medievais e ruínas gregas. São "velharias" que ocupam páginas e páginas dos suplementos de turismo e de inúmeros livros. Quando não vão à Europa, vão ao México ver as ruínas aztecas, ou ao Chile ver as cidades sagradas dos incas. Mas a arquitetura brasileira do passado só tem vez em Ouro Preto, Salvador, Itu, pois somente nessas e numas outras pequenas cidades do Interior brasileiro é que se permitiu a preservação do patrimônio histórico. Nem em São Paulo e nem no Rio de Janeiro nossas tradições foram respeitadas, tendo que ceder, especulação imobiliária.

Assim, nossa cultura, embora bem mais recente que a européia, está sendo esmagada pelo interesse puramente comercial. Futuramente talvez venhamos a ter apenas idéias do passado, isto através de fotografias conservadas em museus. E isso se tivermos museus para visitar, pois o espírito tecnológico é pobre, mesquinho, vazio, materialista, incapaz de apreciar algo de realmente belo, apenas pelo fato de ser cultural. O progresso precisa ser o retrato de sua época, e não necessariamente o carrasco de épocas anteriores. Jundiá foi fundada no Século XVII. Deixem que se saiba disso.

REGINA DRAGIÇA KALMAN

Seminário da OAB

Na última reunião feita pelos componentes do I Seminário de Relações Profissionais, ficou confirmado que no sábado, dia 11-10-75, às 16 horas, estará iniciando este seminário o senador Franco Montoro. Ordem dos Advogados do Brasil.

Inauguração

Sr.: — José Roque Paoletti Iacovino, Vera Maria Negrão D'Angieri, Attilio D'Angieri Neto (Tioca) e Sergio Paoletti Iacovino convidam para a inauguração de um lugar agradável a todas as idades. As 20,00 horas do dia 9-10-75 — Avenida Antonio Segre, 504 — Jundiá.

Zetiserve

DISTRIBUIDORA KINHO

FRIOS E LATICINIOS EM GERAL

nerly aparecido rodrigues

rua marechal deodoro n: 282 fone 6-7521

WALITA

ASSISTÊNCIA TÉCNICA AUTORIZADA

conserto e vendas de peças genuínas

fone: 4-0384



rua dr torres neves n: 131

JUNDIAÍ S.P.

Diferença

Graças a esse vibrante semanário, pude, finalmente, estabelecer uma diferença entre dois grandes artistas: Flávio de Carvalho e Edson de Castro.

Flávio, diante da mãe moribunda, tomou o seu crayon e desenhou os estereótipos da dor que levaram a pobre mulher.

Talvez Edson de Castro pretendesse o mesmo, diante de alguém que morria. Como sua especialidade (entalhador) não lhe permitiu (muito barulho no quarto, tocos de madeira caindo pelo chão etc.), ele

escreveu aquela emocionante crônica, publicada em absoluta primeira mão pelo "Jornal de 2.ª", na sessão Zona Franca (n.º 13).

Se por um lado o mundo perde um grande entalhe, por outro a literatura ganha uma obra-prima. O que coloca Edson de Castro muito além do simplesmente artista plástico Flávio de Carvalho.

Parabéns, Edson! Parabéns, "Jornal de 2.ª"! Parabéns, Jundiá!

Afonso Minardi
(Rua Ary Apps, 931, Vila Arens)

Divórcio, um imperativo

O casamento, na época em que cruzamos (aqui abrimos parêntesis para deixar bem claro que a nossa opinião não é generalizada), o casamento, repetimos, deixou de ser um ato em que se estabelecia, instintiva e conscientemente, a disciplina do "ne varietur", tendo por finalidade apontar ao homem, em particular, a rígida observância da liberdade restrita, o qual, ao cruzar os braços para o adestramento à vida conjugal tomava por lema as célebres palavras de Dante: "Lasciate ogni speranza, voi ch'entrate!"

Hoje, tanto as tendências como as responsabilidades nos levam a outros rumos, notando-se o desaparecimento de elevada proporção daquele senso de dar contas de seus atos e passou-se a aceitar o erro como uma contingência natural, o que condiciona os atos a uma razão acomodativa no aconchego das irresponsabilidades e das despreocupações.

Ao focalizarmos o casamento, atribuímos o seu fracasso a omissão do respeito de dever presidir o seu preparo, o qual estabelece barreiras a certas intimidades só cabíveis e aceitáveis após a consumação pretendida. Precozmente demolidas tais barreiras, nada mais resta para ser oferecido como prêmio pela conquista matrimonial, partindo daí o crescente desinteresse por um estado que não mudou, mas que apenas se consolidou através do matrimônio. Ademais, cabe aqui uma comparação grosseira, numa época em que a preocupação por tudo que seja espalhafatoso ganha proporções astronômicas e domina o espírito jovem, diríamos que o casamento, em certas camadas sociais, mais se parece com uma transação, onde a qualidade duradoura do produto pouco importa, dando-se mais atenção àquilo que possa impressionar, pautado pela requintada aparência. E, por assim dizer, mal comparando, como a aquisição de um carro, adquirido sem aquela preocupação de estado ou condição, pois a qualquer momento poderá ser posto à margem e substituído por outro mais atualizado.

Como a união dessas duas almas nada mais é do que o produto do caldeamento de ilusões passageiras, alimentada por espíritos fúteis, suas tendências inclinam-se para a duração de um sonho, despertando para a separação como um fato inevitável, que se ceferece com as características mais diversas: incompatibilidade de gênios, decadência moral, crueldade mental, incúria nos assuntos caseiros fazendo sossobrar o barco matrimonial, descarrinho para com os filhos, enfim, um mundo de agravos muitas das vezes gerado pelo fastio das conquistas fáceis.

A atual condição da mulher, afeita a qualquer trabalho, mesmo àquela em que era reclamada a presença do homem, oferece-lhe a oportunidade de sua independência, abrindo mão do decantado auxílio masculino. Em razão disso, a união pelo casamento passou a ser apenas uma necessidade de estabelecer uma responsabilidade moral, constituída por partes iguais, de interesse recíproco, podendo ser dissol-

vida a qualquer momento, ouvidas as partes.

Ora, se o sentimentalismo se faz ausente ao se estabelecer essa sociedade, se apenas a conveniência ou a falta de ponderação estabeleceu os meios, se os elementos interessados se acham devidamente preparados dentro do esquema atualizado se o interesse pela sobrevivência não se subordina a uma pendência, se a "vox populi" já não impressiona nem causa espêcie, pois os hábitos e os costumes mudaram e os impactos emocionais cedem lugar às despreocupações e aos descasos, nada mais aconselhável para dois gênios antagônicos do que a separação pura e simples, mas não aquela condicionada pelo desquite e sim por uma separação firmada em propósitos decididos, qual seja o divórcio absoluto.

O homem e a mulher que tendem a se separar pleiteiam uma sonhada e completa liberdade. E o desquite lhes atribui esse direito? Certamente que não! Apenas os desliga de um compromisso "sub leges libertas", privando-os de assumirem legalmente novos compromissos, se assim o desejarem.

Ainda que se diga que o casamento é uma aventura da qual nem sempre se leva a melhor, o homem e a mulher, com raras exceções, não se acomodam após o ato separatório, havendo, quase sempre, razões para novas tentativas, uns por imposição física, outros por necessidade de conforto moral. O homem reclama sempre a companhia, ainda que esta por vezes o aborreça. E vice-versa.

Aceitaríamos o desquite como uma solução para os desentendimentos matrimoniais se a ele se atribuisse uma ação preparatória para o divórcio ou a reconciliação. Mas ainda que assim fosse, não estabelece os mesmos direitos? Acaso não seria permitida a reconciliação após o divórcio, com retorno ao estado primitivo, na base de um novo casamento? Sem dúvida que sim!

Então por que a aceitação de um ato ou um estado que nada define e que, moralmente prejudica e deslustra?

E quem é o maior prejudicado? A mulher, naturalmente. A mulher desquitada não goza do mesmo conceito e do mesmo acolhimento que tinha antes de consumir-se o ato da separação pelo desquite. A sua condição é sempre apontada entre aspas no acolhimento das gentes.

Ainda que o desquite tenha força legal entre nós, a mulher desquitada não conta com aquela franca recepção nos meios sociais, passando a ser vítima dos preconceitos, por lhe faltar o aconchego necessário.

Por isso, voltamos a firmar nossa opinião: o divórcio não é apenas uma necessidade, mas sim um imperativo, conquanto seja um divórcio consciente, firmado em razões puras, produto da compreensão de duas pessoas que concluíram não ser possível conviverem. Ainda que isto se constitua um paradoxo, divórcio que justifique a quebra de um elo sagrado, qual seja a união pelo casamento.

Ulisses Jorge Martinho

PLANO MARSHALL MCLUHAN

Os especialistas em comunicação estão muito preocupados, ultimamente, com a excessiva carga de informações que o homem dos grandes centros urbanos recebe diariamente. Segundo eles, uma pessoa medianamente bem informada, em condições de absorver apenas 10% da carga de informações que recebe diariamente. O resto se perde.

Eu, que sou um sujeito modesto à parte bem dotado de memória, ousou discordar desses profetas negativistas. Não acredito absolutamente que uma pessoa normal consiga reter apenas 10% das informações que lhe são fornecidas por rádio, tv, jornais, panfletos, opúsculos, discursos, pronunciamentos, folhetos, cinema, áudio-visuais, malas diretas, cartazes, "out-doors", alto-falantes e etc.

Todas as informações que eu recebi, digamos,

nos últimos 30 dias, estão ainda bem frescas e coordenadas na minha memória. E provo:

Por exemplo: sei perfeitamente que Leivinha fuzilou cinco separatistas bascos no último fim de semana em Madri, e que o ponta de lança Chico Franco fez três gols no jogo de estréia contra o Salamanca.

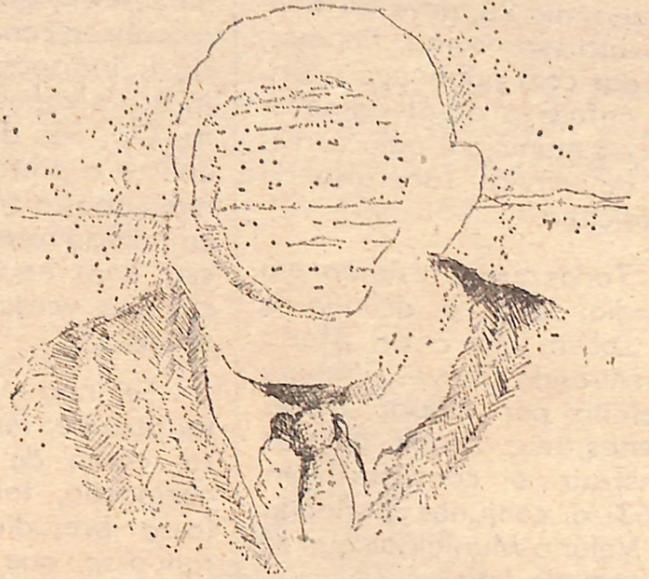
Sei também que o prefeito de uma determinada cidade do Interior, vizinha à Capital, mandou para o protesto alguns títulos vencidos do MDB, para provar, com isso, a vitalidade dos cartórios.

E' fora de dúvida também que o líder muçulmano Muhammad Ali agrediu a socos e pontapés o presidente Ferdinando Marcos, das Filipinas, e por causa disso ganhou sete milhões de dólares oferecidos por uma organização extremista negra dos Estados Unidos.

Me lembro perfeitamente também que nesta cidade foi inaugurada uma avenida ligando Seca à Meca, e que ela foi liberada ao tráfego de veículos numa tarde festiva, sem que porém alguém se lembrasse de avisar ao tráfego, razão pela qual, ela se encontra até hoje tão deserta quanto a Transpananeira.

Soube também, através dos meios de comunicação, que Armando Marques lançou um livro autobiográfico chamado "Eu, Nua", e que a atriz Odete Lara entrou para uma seita messiânica, cansada de ser considerada "um objeto sexual".

O Papa Paulo VI — e disso me lembro muito bem — divulgou uma carta pastoral, seguida de uma homilia, defendendo os contratos de risco com as empresas estrangeiras para explorar a bauxita nos subterrâneos do Vati-



cano. Depois, desmentiu também que estivesse estudando qualquer aumento no preço do petróleo. Disse que isso não passava de intriga de Anuar Sadat.

E a famosa atriz Jacqueline Kennedy, autora do livro "As 3 Máscaras de Eva", casou-se pela sexta vez com Richard Burton, ex-marido da princesa Grace, de Luxemburgo. Diante do juiz de paz, ela declarou: "somos apenas bons amigos".

Ulisses Guimarães, atual presidente da CBD, criticou severamente o técnico Oswaldo Brandão, da seleção mineira, por ter se recusado a revogar a Lei do Silêncio na concentração do time, na véspera de um jogo importante. Oswaldo Brandão, irritado, respondeu através de seu porta-voz Mario Jorge Lobo Zagalo, fazendo veladas alusões à fracassada carreira de ponta-direita do dirigente da CBD. Ato contínuo, Brandão foi multado em 60% dos seus vencimentos.

Me lembro também que o lançamento do filme "Terremoto", em São Paulo, foi precedido de uma vasta campanha publicitária que incluiu um espetáculo de espumas brancas de detergente dançando na superfície dos rios, um pirrotécnico incêndio no Edifício Joelma, a inauguração de mais um trecho do Metrô, e o lançamento, pela SUSAM, do Prêmio "Cem Decibéis" para o filme, considerado o melhor do ano pela crítica especializada em abalos sísmicos.

A Câmara Municipal de uma cidade próxima a São

Paulo, abriu uma concorrência pública para a aquisição de um turbo-helicóptero Jumbo, 12 aviões Mirage de combate, dois DC-10, quatro Bandeirante e dois Ipanema, para a realização de espetáculos acrobáticos na preliminar dos jogos do Paulista.

O imperador Hiroito e a imperatriz Nagako, chegaram aos Estados Unidos, onde foram agradecer ao diretor de cinema Alain Resnais as panorâmicas cenas do celebre filme "Hiroshima, Meu Amor", nas quais o Japão é mostrado em todo seu esplendor potencial turístico. Os imperadores aproveitaram a ocasião também para visitar o túmulo do ex-presidente Harry Truman, a quem entregaram, postumamente, o título de "Cidadão Honorário de Hiroshima e Nagasaki".

E mais: me lembro também que a delegação de tiro-ao-alvo dos Estados Unidos para os Jogos Pan-Americanos, foi desclassificada por não ter atingido os índices técnicos mínimos exigidos para a competição. A decisão da comissão organizadora dos Jogos foi alvo de severas críticas da imprensa norte-americana, pois não levou em consideração que, afinal, o alvo — um certo sr. Gerald Ford — era excessivamente móvel.

Como se vê, basta organizar-se na hora de receber as informações, e não há o menor perigo de confusão. Por isso detesto comunicólogos.

SANDRO VAIA

NEM DOUTOR DE BICHO...

"Ainda viveis, espíritos obscenos,
Como nos dias do Brasil inculto,
Na inteligência anãos, como no vulto;
Como no corpo, no moral pequenens."

"Goiases", de Olavo Bilac

O meu povão lá da roça, naquele antigamente já tão sumido da lembrança, mesmo perdido nas lonjuras de caminhos sem fim, sabia o que era Governo. Sabia que eram os Conselheiros, que era o Senhor Alcaide, que era a Câmara do Conselho que se reunia de quando em quando. Reuniam-se pouco, não que fossem poucos os problemas, isso não, que eram muitos, mas os recursos de tão minguados, tocava a cada cidadão com a sua gente a limpar e consertar sua testada de rua ou de estrada. Quando o trabalho era um despropósito de grande, estrada sumindo no mato ou alude escorregado entupindo o grotão, carecia fazer mutirão para vencer a serviceira. Reclamar da ação de algum Conselheiro, isso nunca, que Conselheiro era homem de peso e respondiam pela chefia do seu eleitorado, eleitores conhecidos um por um, que o voto não era secreto e eleição era eleitor no cabresto. Não que no Conselho andasse tudo certinho, que entre os Conselheiros de peso (comiam à forra) havia alguns honestos. Sempre existiram os que faziam com que se lhes limpassem de graça a testada da rua de suas casas ou leito de estrada. Não se sabe ao certo quantos eram assim e assado, que se diziam coisas à medo, mão em concha, boca nozovido, e quando o Conselheiro passava davam-se-lhe barre-tadas.

— Deus vos dê um bom dia, Senhor Conselheiro!

E, baixinho, no pensamento, patife, manganão, estafermo e outros xingamentos da época.

Vosmeceis, vossas mercês ou sei lá starão lendo pensando que eu vô fazer alguma comparação? Não senhor, que s'eu comparasse staria malcomparando, que pelamor da Virge hoje tá tudo certo, tem uns dois ou três ou quatro em cada vereança que são bão; o resto é que nem fumo de corda: o primeiro

parmo é bão, o resto a gente pitá prá ním perdê... Hoje tá tudo melhor, que o cabresto mudô de cabeça, fulano! — Aprovo — sicrano! Aprovo — beltrano! (silêncio) — sei lá! — aprovo. Votação: 9 aprovo, 4 abstenção, 4 fartaro! Seja franco, tem gente de soga, buçá e barbicacho. Só alguns muitos eu acho, e de outras terras que aqui não, não tem dessas coisas, não aconteça mecê ficar sentido e com malquerença comigo.

Eu tava contano como eram dificultosos aqueles tempos por falta de recursos. Lembro de um dia que, no batê de portera, no vante da tramela, percebi que não era gente de casa, que meu pai num gostava que de portera batendo duro, e logo mais escutei a prosa no terrero.

— Lovado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

E logo o vozerão quente do meu pai:

— Prá sempre seja lovado! Chegue!

Fui espiar. Era o homem "do Divino". Era gente conhecida, alto, magro, barbado, na mão direita o bastão enfeitado, colorido, argola lá no alto com a imagem da pombinha no meio, as três fitas coloridas penduradas; fomos beijar as fitas, que isso era obrigação pedir a bença pro Divino. A imagem do Divino ia pro'ratório e lá ficava enquanto o homem comia, enchia o bandulho, e ia simbora, levando uma esmola de duzentos réis e o Divino. Nunca ninguém soube seu nome direito, chegava e recebia comida e esmola sem nada pedir e ao sair passando em frente do telheiro onde estavam os animais doentes, benzia-os para que sarassem. Soltava os animais que tavam com bicheira; no terceiro rastro da mão esquerda da frente do último animal, ele fazia uma benzeção de simpatia, cortava o rastro co'a faca e virava-o pra baixo. Dois dias depois os animais voltavam, firidentes, mas sem os bichos. Nós acreditávamos em benzimento, tinha que acreditar, é. Conselheiro tinha e bastante; mas dotor de bicho não tinha. Até hoje ainda garro a pensar: As comunidades são que nem os bois e vacas, tem as suas bicheiras. Se o homem "do Divino" num parecê por aqui...

O BARTIMEU

PRODUTOS ALIMENTICIOS FLEISCHMANN E ROYAL LTDA

Oferece oportunidade a:

ESTAGIARIOS DE PRODUÇÃO

moços maiores, com nível colegial ou equivalente para serem treinados visando futuro cargo de supervisão. necessário cumprir horário de revezamento

CANDIDATOS deverão dirigir-se à:

rua Jorge de Lima n.º 211 vila liberdade das 8 às 16 horas.

UMA PUBLICIDADE DE MORTE

Quem leu o jornal de domingo, dia 28, deve ter ficado surpreso, como ficamos, ao dar com publicação dando ênfase à atual administração municipal pelo sucesso do serviço funerário do município.

Todos que já residiam em Jundiá desde a década de 70 sabem que o dr. Mário de Miranda Chaves, embora prefeito por alguns meses apenas, teve a feliz idéia de construir e construiu em 1963 o conjunto destinado ao Velório Municipal que se vê naquela foto.

Ninguém poderá ignorar que o ex-prefeito dr. Walmor Barbosa Martins implantou o serviço funerário municipal, inaugurando em 6-9-70 o serviço e as instalações.

Muito bem. A promoção a que nos referimos — e que deve ter sido paga — diz que o prefeito adquiriu 6 viaturas novas etc. e tal

Quando da inauguração do serviço, que toda Jundiá reconhece como extraordinário e indispensável, a frota já era composta de 4 viaturas OK. São decorridos cinco anos e o prefeito acrescenta mais duas e canta loas a um empreendimento que não é seu, sem nenhuma referência aos verdadeiros responsáveis.

Se não tivesse tomado tal atitude, renovando a frota, como de sua irrestrita obrigação, talvez o serviço fosse prejudicado considerando-se que a população aumentou e os carros ficaram velhos. Daí, sim, teria que responder por abandono do melhor serviço público de Jundiá.

Se cada ato que as vezes não passa de um **espirro**, como esse de dar uniforme aos funcionários, for objeto de publicação, realmente estamos com uma administração que vai mal, porque quando

vai bem não precisa gastar dinheiro em promoção, o povo vê.

Vai mais longe e diz textualmente: **com o velório a cidade ficou aliviada no setor de trânsito já que antigamente os enterros tinham o cortejo a pé pelas ruas da cidade.**

É necessário coragem. Quem construiu o velório? o dr. Mário de Miranda Chaves. Quem instalou o serviço funerário? o dr. Walmor Barbosa Martins. E então?

Para o prefeito 1970 é antigamente (progresso em alta velocidade).

Arremata com a espetacular informação de que o serviço funerário municipal tem repercussão em várias partes do Estado e do País, de onde partem pedidos de informação. O serviço tem de fato repercussão e está bem montado, aliás com a mesma administração ante-

rior e funcionários zelosos, mas é importante que se diga que **sempre teve** e a quem deve ser creditado tal sucesso.

Esse método para aparecer não representa apenas o máximo de desconsideração aos jundiáenses, classificando-os como beócios. Para os que conhece mos fatos, será uma piada a mais. Mas há os que não conhece, por serem novos de Jundiá. Para esses, aos quais oferecemos hospitalidade e respeito, é que se destina nosso esclarecimento.

Se, todavia, as coisas continuarem nesse passo, algum dia, em algum jornal ou boletim, iremos ler que a Igreja Matriz de Jundiá, nossa Catedral, orgulho de todos nós, ficou assim tão linda e admirada, graças aos esforços do atuante prefeito. Cruz, credo.

VIRGÍLIO TORRICELLI

E o tiro saiu pela culatra

Feridos no nosso orgulho e cheios de conformismo, escrevemos estas linhas de cabeça baixa.

Ao que sabemos, pela primeira vez nos três séculos e meio de nossa história, não temos condições morais para reprochar — na salvaguarda de nosso brio e de nossa tradição — as assacardilhas da Assembléia Legislativa de S. Paulo, impiedosamente desferidas contra o chefe do executivo municipal de nossa terra.

— "Mau caráter", "Baixeza", "Jogo Político Baixo", foram algumas das expressões com que os parlamentares se manifestaram da tribuna da Assembléia em desagravo às "ofensas" do prefeito de Jundiá, Ibis Pereira Mauro da Cruz — informava um prestigioso órgão da imprensa paulistana, difundindo a notícia por todos os rincões do País.

É de evidência, através de desatinos que o nosso prefeito vem cometendo no exercício do cargo, e da notória falta de equilíbrio emocional no trato com juizes, políticos, industriais e de um

modo geral com toda a coletividade, que ss. não é portador de u'a mentalidade amadurecida para gerir a coisa pública.

Deixando para trás um rol sesquipedal de desinteligências e protervias soltas ao vento através do rádio, pela imprensa paga com dinheiro do erário, e por acometimentos pessoais, atentemos tão somente pelo gesto que originou a saraivada reacionária dos deputados:

O nosso incontrolável prefeito, num desses repentes contumazes que caracterizam a sua personalidade insofrida e violenta, dirige-se à Assembléia Legislativa por meio de "carta pessoal a todos os deputados, anexando informações maldosas sobre o deputado emedebista Jairo Maltoni".

Ao que pudemos saber, as referidas "informações maldosas" traziam no bojo denúncias de caráter íntimo menos consentâneas com o comportamento exigido para nortear um homem público.

O sr. Jairo Maltoni é um jundiáense entre os que melhor o sejam e assim o reconheceu o eleitorado ao conferir-lhe uma cadeira de deputado.

Se por vezes verbera atos da administração municipal o faz em nome do povo, desincumbindo-se de uma obrigação que lhe é implícita.

Não poderia, pois, ser tangido, como foi, na sua honorabilidade e na sua dignidade.

Reconhecendo o fato, não temos como deixar de aceitar o corretivo que nos foi imposto pelos senhores deputados que no seu desagravo chegaram a pedir ao governador do Estado para que intervenha nos negócios municipais, porque, como se constata, "o prefeito não está à altura de governar uma cidade como Jundiá".

Resposos desse jaez avacalham o prefeito da cidade, enquanto que nós, a contragosto, somos obrigados a calar, submissos ao direito e à razão dos que foram malversados no exercício de um dever indeclinável.

Que vergonha! . . .

ÉLCIO VARGAS

67 8 75
ANOS


CONSTRUTORA
JUNDIAÍ LTDA.

r. Siqueira de Moraes n. 578
8º andar - conjunto 801 - C

TAPEÇARIA
BRASIL

ESPECIALIDADE
EM TAPEÇARIA DE
AUTOS E MOVEIS



rua dr. torres neves n. 224
FONE: 6-5977

PROJETOS RESIDENCIAIS
CONSTRUÇÕES-REFORMAS
SERVIÇOS RAPIDOS E SEGUROS

HIDROTECNICA
projetos e execuções

rua marechal deodoro - 303
(ao lado da Secretaria de Obras)

Plantão

Tranquilamente considerado como "o melhor repórter policial do Brasil", Percival de Souza começou como contínuo das Folhas. Depois passou para as Notícias Populares aí com reportagem policial, e desde 1965 está tomando conta do setor no Jornal da Tarde. Com o desenvolver da coisa, ganhou um prêmio Esso de reportagem e foi ele quem denunciou a existência do Esquadrão da Morte. Hoje escreve nos jornais Movimento (o

popular Mexa-se), no Ex e na revista Escrita, recém-lançada. Seus artigos sempre envolvem personagens obscuras do "bas-fond" e uma de suas colunas chama-se "Baixa Sociedade". É considerado um cara maravilhoso pelos que o conhecem. É contista. E agora deu com os costados no Jornal de 2.ª, onde, espera-se, fique. Com vocês, Percival de Souza.

DEFENDENDO o doutor Smith, apelido de um velho português que matou a esposa dormindo, às 3 da manhã, e às 8 horas eliminou dois diretores da firma onde trabalhava, os advogados Pedro Paulo Negrini e Iberê Bandeira de Melo tornaram-se conhecidos como "autores de um milagre jurídico em São Paulo: defendendo a tese de "coação moral irresistível", os dois advogados conseguiram absolver o velhinho.

funcionários, se bem que esse diretor morreu meses depois, de câncer, quando Joaquim já estava na prisão.

De qualquer forma, o doutor Smith entrou para o já respeitável **currículo** dos advogados Negrini e Bandeira. Talvez por isso é que Elza Leoneti Amaral, a mulher que matou com dois tiros de revólver o engenheiro e colecionador de carros antigos Roberto Eduardo Lee, tenha resolvido contratá-los há poucos dias.

Apesar dos três crimes de morte, a situação do doutor Smith era, seguramente, mais saudável. Primeiro, provou-se que havia sido vítima de grande injustiça. Mas, quanto a Elza, não se pode traçar o mesmo paralelo.

Elza procura alegar que o motivo da morte do engenheiro teria sido o fato dele se recusar a reconhecer a paternidade de uma filha — o que, em termos objetivos, não foi comprovado. E nem será, porque não se faz apurações desse tipo após a morte.

Além disso, os peritos do Departamento Estadual de Polícia Científica estão — posso assegurar — certos de que aquele caso arquivado em 1966 como suicídio não foi, na verdade, suicídio. É sim homicídio. Trata-se da morte do marido de Elza, Anésio Augusto do Amaral Filho, homem de negócios que gostava de se dedicar à caça.

Aliás, Elza procurou convencer os jornalistas de São Paulo, a quem convidou para um amigável bate-papo em sua casa na rua Padre Lebre, atrás do Palácio do Morumbi, que guardava re-

cordações de Anésio. De fato, a casa continua cheia de cabeças de alce, búfalos, presas de marfim, tapetes de leopardo, uma enorme pata de elefante transformada em vaso de flores.

Entretanto, o que se tornou bem possível é a reabertura do inquérito da morte de Anésio. Nesse caso, com duas ações penais em andamento — a morte de Anésio e o assassinato de Lee — Elza corre um sério risco de ter sua prisão preventiva decretada.

De acordo com a teoria de Anacarsis, "as leis são como as teias de aranha; os pequenos insetos prendem-se nelas, e os grandes rasgam-nas sem custo". Realmente, se ela não se chamasse Elza, não morasse no Morumbi e não participasse de grandes transações comerciais, certamente a essa hora estaria amargando, sem contemplação, uma permanência no cárcere.

Mas, com dois processos de homicídio, não se pode temporizar. Afinal, a lei não é igual para todos?

PERCIVAL DE SOUZA



PASSAR HORAS ALEGRES COM AMIGOS.
SABOREAR AS DELICIAS DA COZINHA ARABE.
PIZZAS DE TODA ESPECIE, KIBES, ESFIHAS, LANCHES

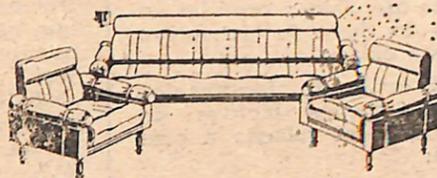
bebidas nacionais e estrangeiras

lembre-se:

**KIBE
KADI**

aberto até às 4:00 hs. da manhã
rosario, 239
fone 4.2669

PARAISO dos MOVEIS



TELEVISORES

DORMITORIOS

ESTOFADOS

rua dr. torres neves 495
fone: 6.1217 • Jundiaí • s. p.

JUNDIAI CLINICAS



LOCAIS DE ATENDIMENTO

UNIDADE CENTRO
Rua Sigheira de Moraes, 212
Fones: 4.1067 e 4.1577

UNIDADE ANCHIETA
Rua Padre Anchieta, 176
Fone: 4.2451

UNIDADE RANGEL
Rua Rangel Postuma, 222
Fone: 4.1991

UNIDADE PRUDENTE
Rua Prudente de Moraes, 1372
Fone: 6.6961

UNIDADE DE ABREUGRATIA
Rua Prudente de Moraes, 1372

UNIDADE CAMPO LIMPO
Av. Manoel Tróades da Silva, 495
Campo Limpo Paulista

HOSPITAL
SANTA RITA DE CASSIA
Praça Rotatória s/n. - J. Messias
Fone: 4.1666

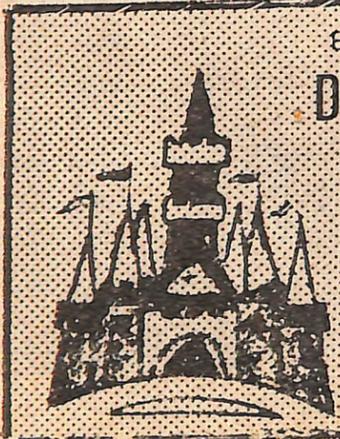
EL PESSOAL! VAMOS A
**DISNEYWORLD - MIAMI
BAHAMAS**

SOLICITE A VISITA DE NOSSO PROMOTOR
TUDO A SEU ALCANCE

EM DIAS INESQUECIVEIS

ABITE TURISMO

ROSARIO 515 • FONES 61530 • 4.3922





Naufrágio em 200 milhas submarinas

Tão colossal e sólido quanto um *Titanic*.

Deve ter sido essa a sensação do prefeito quando, na semana retrasada, se pôs ao largo e resolveu incursionar por mares que ele nunca havia navegado, enviando à Assembléia Legislativa cópias xerográficas de dívidas pessoais do deputado Jairo Maltoni.

Se esperava uma viagem tranquila, o prefeito acabou encontrando logo a primeira tempestade, porque os deputados reagiram imediatamente, classificando, no mínimo, de "golpe baixo" e "recurso abjeto" a maneira pela qual ele quis atingir a integridade do adversário político. Alberto Goldmann, líder do MDB na Casa, chegou, inclusive, a pedir a cabeça do prefeito, lembrando que Jundiaí não merecia ser governada por esse homem.

A reação do partido oposicionista, de Jairo, podia até estar nos cálculos da rota do alcaide. Mas o certo é que este não pôde deixar de surpreender-se ao verificar que até mesmo os parlamentares de seu partido não viajavam em seu barco, pois muitas vozes da Arena juntaram-se ao clamor.

Mas até essa falta de guarnição dos elementos de seu partido parece não ter abalado tanto o prefeito em seus propósitos, tanto que aprofundou e saiu em nova investida. Desta vez, seu alvo não poderia ser outro e nem menor do que o próprio líder Alberto Goldmann.

Afinal, por que era então um resistente encorajado?

A mensagem a Goldmann, divulgada terça-feira passada pelos jornais como resposta do prefeito ao líder do MDB, serviu para dar um pouco mais de agitação às águas calmas da vida política da cidade, além do que mostrar que temos um prefeito de estatura suficiente para medir-se com os monstros sagrados da política.

O que se viu nesse documento (publicado também como "seção livre" no *Estado* de quinta-feira), porém, foi apenas uma tentativa de incompatibilizar com a Revolução o líder e a instituição política da oposição, através de uma técnica já bastante desgastada por seu frequente uso por bajuladores nem sempre sintonizados com o regime.

Além de julgar-se em condições de abrir questão com o líder pela carta que lhe enviou, o encorajado viu ventos favoráveis para arremeter-se mais, chegando mesmo a convidar Goldmann para um debate na TV, onde teria muito mais a dizer e mostrar ao povo, como vários feitos do Governo, entre os quais o da extensão da nossa soberania para *200 milhas submarinas*.

O prefeito, que tão bem calculara a rota até ali, deve ter-se descuidado um pouco do timão, não se desviando do *iceberg* à frente.

O silêncio do líder do MDB pode significar seu respeitoso pesar pelo naufrágio. Até o fechamento desta edição, nenhum novo manifesto.

A reação da Assembléia

Os principais jornais da Capital — "O Estado de S. Paulo", "Folha de S. Paulo" e "Diário de S. Paulo"

— noticiaram, no sábado, dia 27 de setembro, a reação dos parlamentares paulistas diante da remessa, pelo prefeito municipal de Jundiaí, a cada um deles, de xerocópias de protestos e ações executivas e de despejo movidas, há tempos, contra o deputado Jairo Maltoni, um dos poucos reeleitos nas eleições de 1972. Os documentos referidos faziam-se acompanhar de um cartão do chefe do Executivo jundiaíense, com sua assinatura, constando os seguintes dizeres: "Prefeitura do Município de Jundiaí — A filáucia e o fanatismo deste tipo de homem público é altamente repugnante — Ibis Pereira Mauro da Cruz - Prefeito — 24-9-75 — Jundiaí-SP". Do lado esquerdo do cartão, quatro números de telefones locais.

A não ser na ocasião em que os impostos foram majorados aqui em até 3.000%, talvez nunca Jun-

diaí tenha recebido tamanho destaque, como nesse sábado, no noticiário da grande imprensa de São Paulo. E as notícias, confirmadas pelo teor das anotações, taquigráficas da Assembléia Legislativa do Estado, diziam que houvera sido generalizado o protesto e a repulsa dos deputados à atitude do prefeito de Jundiaí.

Durante quase uma hora e meia, na tarde de sexta-feira, duas dezenas de deputados, tanto da Arena como do MDB, fizeram uso da palavra para manifestar solidariedade ao colega ofendido e repúdio ao ato do chefe do Executivo desta cidade.

Estas foram algumas das considerações tecidas da tribuna em relação a esse ato:

"... Os termos empregados por esse prefeito — "filáucia" e "fanatismo" — não merecem nenhuma atenção desta Casa, mas, sim, repugnância total contra um indivíduo como esse que jamais deveria estar à frente de uma Prefeitura tão importante co-

mo é a de Jundiaí." (Jiheí Noda, 14 horas)

"... Entendo, Sr. Presidente, que esta Casa, excluindo o nobre deputado Jairo Maltoni, é que deveria entrar com uma ação de injúria grave contra um cidadão que procura, através de um membro deste Poder, desmoralizá-lo com calúnias, infâmias e injúrias. (...) Quero declarar, desta tribuna, meu protesto para que fique registrado nos anais. E se alguma ação for proposta contra esse cidadão, por infâmia grave e calúnia, desejarei eu ser o patrocinador dessa ação, porque não devemos permitir que se calunie, que se injurie, um digno colega, trabalhador, que vem servindo condignamente o povo do Estado de São Paulo." (Januário Mantelli Neto, 14,05 horas)

"... o que vem provar, acima de tudo, a levianidade de um administrador público, baixíssimo nível que pode ter o prefeito de Jundiaí, para se utilizar de um recurso tão abjeto,

(Continua na pág. seguinte)



Jairo, vítima dos ataques pessoais que indispuseram o prefeito com a Assembléia

(Conclusão da pág. anterior)

que vem ferir, de forma frontal e profunda, a dignidade deste Poder. Todos nós, parlamentares, não importa a legenda, seja do MDB ou seja da Arena, não iremos aceitar esse tipo de procedimento de um homem que tem pelo menos obrigação de preservar a dignidade do cargo que ocupa. (...) Esperamos que a Mesa tome todas as providências no sentido legal para punir sem dúvida nenhuma esse comportamento que tipifica o crime, pois é um crime contra a honra do parlamentar e nós não vamos aceitar isso." (Nelson Fabiano, 14,40 horas)

"...realmente, sr. presidente, temos assistido vendedores de ambos os partidos, deputados de ambos os partidos, punidos por se dirigirem de forma ofensiva às autoridades constituídas deste País. Temos assistidos todos os parlamentares desfilarem sob o cutelo preventivo. E esse prefeito de Jundiá, que espalha os seus denegridos cartões, precisa receber uma lição, mas uma lição em favor do interesse público, não na reparação para o deputado Jayro Maltoni, porque, no meu entender, sr. presidente, o deputado Jayro Maltoni está acima do prefeito de Jundiá. O prefeito de Jundiá é um egresso dos bons costumes; o prefeito de Jundiá é um homem que não sabe cuidar da sua própria assinatura, dos seus próprios cartões de visita..." (Del Bosco Amaral, 14,45 horas)

"...é lamentável que o chefe do Executivo de uma cidade com Jundiá de lado os seus afazeres com respeito à sua comunidade para encaminhar a cada um dos deputados desta Casa este documento, e, além do mais, com um cartão com a sua assinatura, fazendo comentários desairosos ao nosso companheiro Jayro Maltoni. Tenho certeza, sr. presidente, de que a população de Jundiá, que elegeu esse cidadão para administrar aquela cidade, deve estar hoje entristecida ao saber que colocou à frente daquele município um cidadão, um homem, se é que se pode chamar assim, como prefeito, que não tem as condições necessárias para administrar a Prefeitura de um município da grandeza de Jundiá..." (Emílio Justo, 14,55 horas)

"...é profundamente lamentável que ainda ocorram fatos dessa natureza. Repudio, como acredito que todos aqueles que têm responsabilidade na vida pública, esta forma de procedimento contra um parlamentar eleito pelo povo se caracteriza pela atuação permanente e pela combatividade infatigável." (Sólon Borges dos Reis, 14,45 horas)

"...iremos levar esse documento para que o Diretório Regional possa tomar as medidas legais e cabíveis contra essa espécie de homem, um mau caráter, um irresponsável, um moleque que não tem condições sequer de ser ascensorista da Prefeitura, muito menos prefeito da grande cidade de Jundiá..." (Antônio Mesquita, 14,55 horas)

"...acompanhando a linha de raciocínio do deputado Alberto Goldman, solicito ao Governo do Estado a intervenção no município de Jundiá, porque, através dessas atitudes, sr. presidente, esse prefeito prova que está totalmente despreparado para o cargo que ocupa." (Manoel Sala, 14,55 horas)

"...nesta hora, quero cumprimentar esse cidadão que vem aqui apressadamente atirar pedras. Talvez ele seja um homem sem pecados, e por isso quero cumprimentá-lo; é um homem que não deveria estar sentado no seu trono da Prefeitura de Jundiá, mas em algum altar, por essa cidade do nosso Brasil. Quero cumprimentá-lo e lastimar, lastimar porque ele está jogando pedras em um homem que nesta Casa tem primado pela defesa dos nítidos interesses públicos. (...) Nós lembramos também de um livro escrito contra Rui Barbosa, respondido, se não me engano, através de outro livro, de Salomão Jorge: "Uma pulga na asa da Águia de Haia". Evidentemente, Jayro Maltoni está recebendo, aqui, as alfinetadas de uma pulga, e se apresenta também para nós como uma águia dentro deste Legislativo." Ivan Espinola de Avila, 15,10 horas)

"...eu recebi essa circular que todos os companheiros receberam. Lamentavelmente, é uma arma de covardes. E covarde, realmente, age assim. Ele mostra um lado da moeda e esconde o outro. Deveria juntar, também, a certidão

da quitação das dívidas e das ações. Não o fez, maliciosamente, dolosamente, no intuito de denegrir a honra de um deputado que vem honrando a Casa, há muitos anos. Quero hipotecar ao nobre deputado Jayro Maltoni a minha solidariedade e repudiar veementemente esse ato covarde do prefeito de Jundiá." (Walter Mendes, 15,15 horas)

"...não acreditamos que seja verdadeira a assinatura que vem no documento entregue para vários parlamentares, já que este parlamentar não teve o desprazer de receber essa documentação ou pseudo-documentação. A ser verdadeira a assinatura e não apócrifa, desejo lamentar esse gesto — e o faço da maneira mais profunda e triste possível. Fatos como

esse já deveriam ter desaparecido de nossos hábitos e costumes políticos de há muito tempo. De outra parte, a ser verdadeira, também, a assinatura, desejava, de forma antecipada, estender as minhas mãos e enviar um abraço ao companheiro e amigo Jayro Maltoni." (José Felício Castellano, 15,15 horas)

No almoço, ainda o mesmo prato

No mesmo sábado em que o caso "Ibis Cruz Jayro Maltoni" ganhava destaque nos jornais de São Paulo, um grupo de deputados do MDB vinha se confraternizar com o colega ofendido, num almoço, no Restaurante Recanto Caxambu.

A idéia, segundo o deputado Jayro Maltoni, era realizar apenas um almoço de confraternização entre os membros do partido com assento na Assembléia e os integrantes do diretório municipal do MDB, ponto de partida para outros encontros nos vários municípios paulistas. Assim, disse o deputado, o MDB evitaria a má impressão de uma concentração política com vistas às eleições de 1976, ao mesmo tempo que, dividindo-se os deputados em grupos de aproximadamente dez elementos, se iria percorrer as bases políticas do partido para mostrar que este, como os seus novos deputados, "se preocupa com o contato permanente com o seu eleitorado".

Mas, em Jundiá, cidade escolhida para abrir a série de encontros partidários, a confraternização antecipadamente marcada assumiu ares diferentes da simples festa e contatos com o povo que se pretendia. Um dia antes desse encontro a bancada emedebista tivera que tomar posição a respeito dos documentos enviados pelo prefeito de Jundiá detratando a pessoa de Jayro Maltoni e o prato ainda continuava quente para ser servido nesse almoço.

A reação da bancada do MDB, noticiada pelos jornais de sábado, pôde ser assistida, ao vivo, durante almoço que nesse dia aconteceu no Recanto Caxambu.

Lá estavam os deputados estaduais Manoel Sala, João Gilberto Sampaio, Vanderley Doenha Simionato, Vanderley Marcris, Antonio Carlos Mesquita, Benedito de Campos, Silveira Sampaio, Ivan de Avila, Reginaldo Valadão, Nadir Kenan, Horácio Hortiz, Jorge Fernandes Francisco Coelho, Edson de Lima, Jihei Noda, Rubens Granja, o presidente da Assembléia, Leonel Júlio, todos cobrindo de atenções o deputado ofendido.

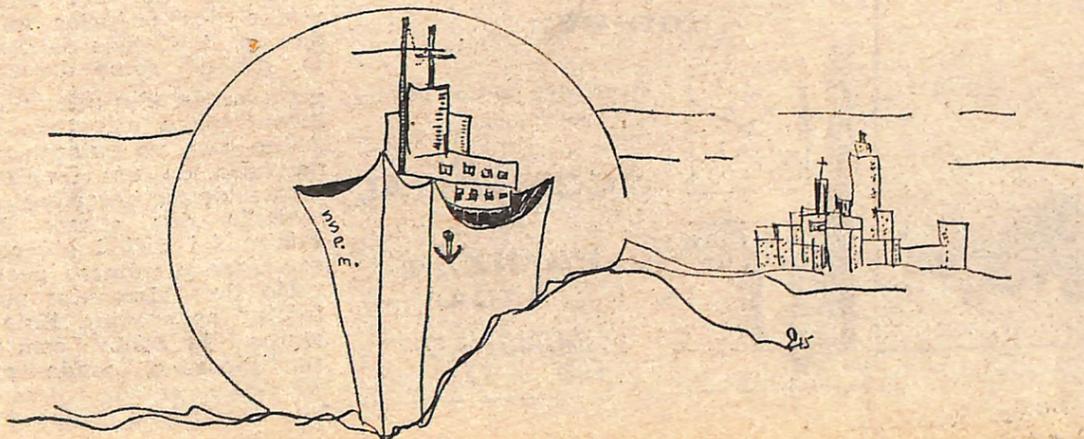
O Recanto Caxambu, para quem não conhece, está instalado em meio a um sítio, longe de qualquer sinal da conturbada cidade. Mas nem o ar campestre, do qual se espera efeitos relaxantes, conseguiu provocar alguma mudança nos parlamentares, que ainda ali exteriorizaram sua ira, reafirmaram sua posição, mantiveram o ponto de vista de que o prefeito de Jundiá agiu com "baixeza" contra o colega Jayro Maltoni. Pode-se dizer, até, que o campo serviu para excitá-los ainda mais.

A medida que os veículos negros da Assembléia estacionavam em frente ao restaurante, aumentavam as chacotas e os risos que tinham como endereço o prefeito de Jundiá. Quietos, Jayro Maltoni parecia não perceber que o centro das atenções era ele mesmo, e que todas as gargalhadas tinham a intenção de dissipar um clima de revolta existente. Qualquer dúvida a respeito do que estavam fazendo ali foi esclarecida pelo deputado Rubens Granja, que assim explicou o encontro:

— O nosso propósito é prestigiar o companheiro representante desta cidade que, em face da deslegitimidade de um prefeito que não está à altura de representar Jundiá, usou métodos já superados para ferir o deputado Jayro Maltoni. Podemos achar todos os defeitos em Jayro Maltoni, menos aquele de lutar pelo direito, pela Constituição e pela cidade que o elegeu e que ele muito ama. Tenho para mim que o método usado pelo sr. prefeito de Jundiá demonstra ser ele um mau caráter. A sua atitude mesquinha mostra um homem que vê pela frente a derrota de seu partido, porque o MDB vive em função de defender os necessitados e desamparados pelo Município, Estado e República. O que se realiza hoje é um ato de solidariedade e desagravo a um homem que vive exclusivamente para defender os interesses da grande cidade de Jundiá, que tem como prefeito um pigmeu mental e físico.

Rubens Granja, mantendo o tom duro de suas palavras, afirmou ainda que "como bacharel em direito, como servidor da Justiça há mais de 30 anos, entendo que o ataque desse prefeito nas missivas endereçadas aos deputados é um método já não usado na atual conjuntura política e, por isso, tenho para mim que o prefeito de Jundiá é um mau representante e um mau caráter".

Granja concluiu sua exposição dizendo que o prefeito, pelo que fez, pode ser processado por calúnia, injúria e difamação. "Ele é um falso homem e um falso prefeito que, infelizmente, Jundiá, que tem um grande povo politizado, terá que aguentar até '76", finalizou.





“Dova”, um protesto contra a desvalorização do negro

Tentando bisar o sucesso de “O Navio Negreiro”, apresentado no Cine Politeama em 1972 e lembrado até hoje pelo seu público, Vado trouxe a Jundiá uma nova peça, onde explora o mesmo tema: a promoção da raça negra como elemento de formação da cultura brasileira.

“Dova” foi apresentada dia 4 deste mês, quinta-feira, no Grêmio da C. P., sem contudo atingir o sucesso que era esperado pelo seu autor, pois não conseguiu atrair um público muito grande e nem contou com a participação da platéia, como ele desejava. Isto se deu, possivelmente, em virtude da falta de uma divulgação mais eficiente, especialmente pela imprensa.

A primeira e a segunda montagens de “Dova” tiveram problemas com a Censura, acarretando a perda de, praticamente, três meses de trabalho do grupo que a representa. O terceiro texto só foi liberado em fevereiro desse ano, depois de mais sete meses de ensaios, e sua estréia ocorreu no Teatro “Castro Mendes”, com bom resultado de bilheteria. Desde então tem recebido muitos convites para sair do Estado de São Paulo, a exemplo de “O Navio Negreiro”, que está em cartaz há mais de quatro anos e já percorreu diversas unidades da Federação.

Vado explica as razões de sua peça:

“Em 1532 foram trazidos para cá os primeiros negros da África para serem transformados em escravos. Tal como os portugueses, quando aqui chegaram já existiam os donos da terra: os índios. Os donos da terra praticamente desapareceram — ou estão desaparecendo — não só no Brasil como no mundo inteiro.

Mas, por quê? Por uma falta de divulgação da sua gente, do seu povo, da sua raça. Então, com o negro, como com o índio, está acontecendo isso, existe esse risco de desaparecimento de sua cultura. Se os próprios negros não se divulgarem, essa raça poderá ser desvalorizada. A própria história brasileira nega valorização ao negro.

“Nós sabemos tanto sobre D. Pedro I, Ruy Barbosa, Princesa Isabel, José Bonifácio, Castro Alves, mas muito pouco ou quase nada sobre o Rei Zumbi, Chico Rei, José do Patrocínio, Baltazar, Chica da Silva... Enfim, alguém tem que divulgar a raça negra.

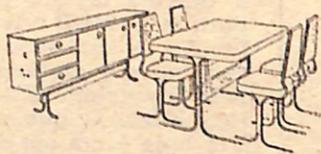
“Dova” entra aí da seguinte forma:

“Veja a imagem que o negro está tendo dentro da televisão. Então, tem-se que mostrar a figura mais positiva do negro no Brasil. Então “Dova” foi montado com esse intuito: mostrar um indivíduo mais aberto dentro de casa, se comunicando, amando, não só marginalizado como é mostrado. Esse é o propósito principal de “Dova”: mostrar um pouco mais do nosso colorido”.

Depois de Jundiá, “Dova” deverá ser levado para Bauru, Sorocaba e, em seguida, para Poços de Caldas, MG. E enquanto tiver a aceitação do público, continuará correndo o território brasileiro.

Vado admite que “daqui a dois ou três anos já não seja tão necessário o conteúdo forte da peça que atualmente está sendo apresentada”. Entende que “até lá, talvez, a juventude já tenha sentido tanto “Dova” que isso não será mais necessário. Se Deus quiser, espero que isto aconteça”.

CASA de MOVEIS PRIMAVERA



MOVEIS EM GERAL
ELETRODOMESTICOS
E ARTIGOS PARA PRESENTES

RUA DR. TORRES NEVES, 512

fone: 6.1222 -- Jundiá -- s.p.



A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LA VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
EM FUNCIONAMENTO A PARTIR DE 10 DE OUTUBRO
r. antonio segre, 504 JARDIM BRASIL.

Alunos do Divino também tentam fazer algum teatro

Neste mês de outubro, em data a ser ainda fixada, o grupo teatral do Colégio Divino Salvador estará fazendo a primeira apresentação da peça “Pla-

neta dos Palhaços”, que começou a ensaiar no primeiro semestre deste ano e se destina especialmente ao público infantil.

Os ensaios dessa peça — conta Júlia Bitencout, presidente do Centro Cívico do Divino — estão sendo feitos em condições bastante desfavoráveis, pela falta de um local adequado e de um apoio maior dos próprios estudantes. A direção da escola, assim como diversos professores, têm procurado incentivar a atividade do grupo que, no entanto, vê na falta de um teatro a causa do desinteresse da maioria dos alunos. No início, foi difícil até conseguir-se o número necessário de elementos para iniciar os ensaios. Hoje o grupo já conta com 18 participantes, sendo que 13 deles compõem o elenco de “Planeta dos Palhaços”.



SERVIÇOS DE TERRAPLENAGEM
TRANSPORTE DE ASFALTO
REGULARIZAÇÃO DE AREAS
ESCAVAÇÕES E ATERROS

J. MENEZES LTDA

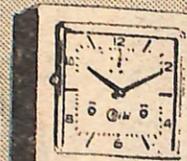
ESCRITORIO:

AV. SÃO PAULO 311 - SALA 3 - FONE 6 5252 - CX POSTAL 1192



RELOGIOS DE PONTO

ROD-BEL

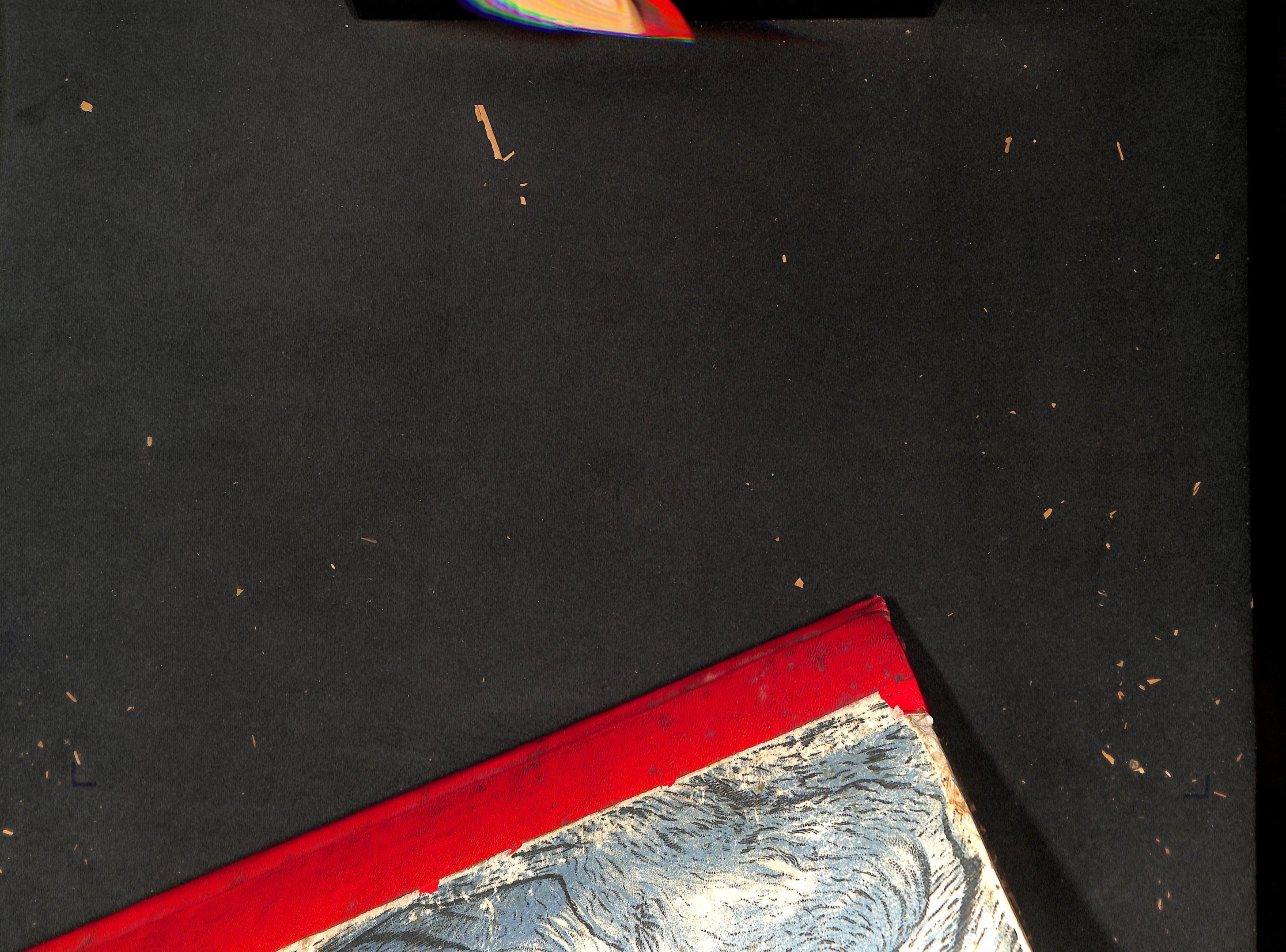


revendedor autorizado em Jundiá:

COMERCIAL

PANIZZA LTDA.

BARÃO-427
FONE 6-8231



Salta um prognóstico ao ponto

Na falta de pergun'as melhores, o zeloso repórter de campo costumava iniciar suas entrevistas com os jogadores pedindo "seu palpite para o jogo de logo mais" ou perguntando: "Será que hoje vai dar pra chegar lá, fulano?"

Foi assim até o dia em que alguém disse a ele que era preciso mudar um pouco as perguntas ou, pelo menos, as expressões, todas já um tanto gastas. Ele mudou o repertório, passou a iniciar suas entrevistas pedindo, em vez de "seu palpite para o jogo de logo mais", "um

prognóstico sobre a partida que está prestes a se iniciar".

Acontece que nem todo jogador entendia bem a pergunta e, talvez com vergonha de pedir maiores esclarecimentos, tentava fazer de conta que entendeu. Um domingo, pouco antes do início de Paulista x São Bento, lá foi o aplicado repórter, microfone em punho, entrevistar um goleiro que ficaria no banco, naquele dia. Era um ex-juvenil, daqui da cidade, que estava começando a carreira de jogador profissional.

Depois do ritual — "o seu boa tarde

aos ouvintes" etc. — veio a infalível pergunta:

— Você arriscaria um prognóstico para a partida que está prestes a se iniciar?

Resposta do jogador:

— Olha, você me conhece há muito tempo, tem acompanhado minha carreira não é de hoje e sabe muito bem que eu sou decidido. Não tenho medo não e se por um acaso o goleiro titular machucarse e eu for chamado pelo técnico, arrisco o prognóstico sim, não tem dúvida...

A. FERNANDES

Reflexão

Uma festa de incoerências

Logo na abertura da atual fase administrativa de Jundiaí, quando para cá foram trazidos "grandes técnicos" para compor a máquina burocrática do governo, ouviu-se um pronunciamento segundo o qual nenhum dinheiro público iria ser empregado em festas populares, mormente no Carnaval, como também não seria dada qualquer ajuda oficial ao esporte profissional desta cidade.

Um dos nossos diários naquela épocapositor dessa administração, hoje da posição, respondeu a tal pronunciamento, relativamente à promoção do Carnaval, levantando as bandeiras dos vários blocos que se preparavam para desfilar e conseguindo levar às ruas, por três anos consecutivos, verdadeiras multidões.

Como a confirmar o negro presságio de princípios de 1973, manteve-se suspensa, até aqui, a realização da Festa do Morango, Festa Regional da Criança etc., não se concedendo, também, qualquer ajuda desinteressada ao quase falido Paulista Futebol Clube.

Realizou-se, tão somente, no início deste ano, uma medíocre "festa da uva" que, ao invés de promover a uva e a cidade, despromoveu tudo. Imaginem que a fruta, motivo central da festividade, ficou colocada à venda em barracões instalados nos fundos do parque, obrigando os adquirentes dessas frutas a andar mais de um quilômetro com as caixas nas costas para colocá-las em seus automóveis. Esta festa, promovida pelo grupo Hamilton Santos, objetivou apenas beneficiar os seus empreendedores, haja vista que, de início, pensou-se cobrar quase Cr\$ 10.000,00 de cada produtor disposto a montar seu estande no parque, idéia que só não foi concretizada diante da recusa dos humildes viticultores.

Parece-nos que até não foi ainda levado ao conhecimento da população jundiaense o resultado financeiro daquela infeliz festividade. Não sabemos o porquê do silêncio da zelosa Câmara Municipal.

Estamos curiosos para saber por que os senhores vereadores não entram na fase do "mexase", exigindo a prestação de contas da última festa da uva.

Nos últimos dias, tomamos conhecimento de que a administração está propensa a oficializar o Carnaval de rua do próximo ano, como também a fazer repetir a festa da uva, já tendo havido até acertos preliminares com os dirigentes de um dos blocos que se preparam para sair em 76 e com diversos viticultores que esperam promover seus produtos quando chegar a próxima colheita.

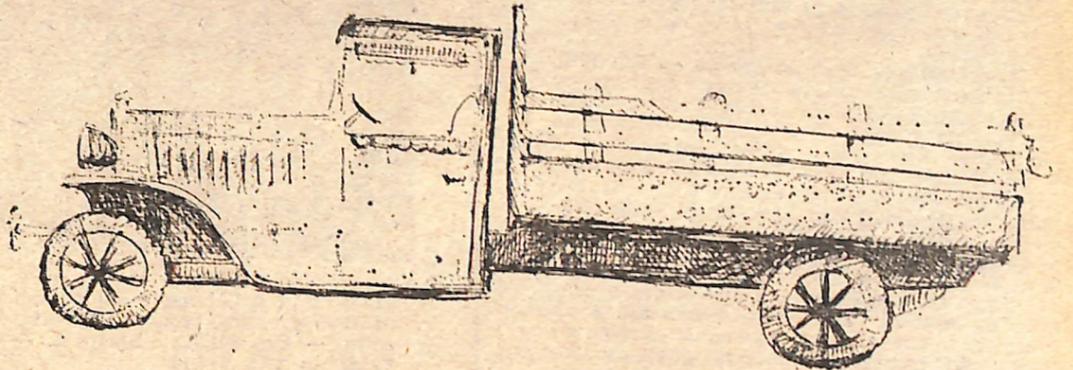
Que essa administração tenha interesse em ajudar as escolas e blocos carnavalescos no próximo ano, que tem mesmo intenção de realizar uma nova festa da uva, evitando os erros cometidos na última, para nós não resta menor dúvida. Afinal, 76 é um ano político, Tudo por certo, será feito para melhorar a imagem dessa administração incoerente, funesta e inoperante. Difícil é acreditar que tudo (oficializado) saia a contento. Há um descrédito total, ante aos fatos anteriores.

Aguardemos o tempo passar, esperemos por essas realizações demagógicas que deverão ocorrer até o p'eito de 15 de novembro de 1976. Por certo elas não alcançarão os objetivos de seus promotores, que nada fazem pela cidade, mas somente visando o aspecto pessoal e um proveito imediato.

Os eleitores saberão pesar esses atos na ocasião do voto.

O PENSADOR

O caminhão do Baiano



Não estou bem certo. Mas parece que foi no primeiro ônibus que eu deixei Jundiaí, rumo a São Paulo, para a casa do "Chico Landi". Noite mal dormida, vigília quase total, e a vontade louca de sentar na "carreteira". Ainda mais que sentar. Vir com ela para Jundiaí, Anhanguera a fora.

Ao que parece a Viação Cometa ainda usava em 1960 aqueles maravilhosos ônibus importados, com suspensão a ar, muito e muito superiores aos atuais. Eram os Fageol, Twin Coach, iguais aos utilizados na linha circular, dentro da cidade de São Paulo. Ônibus maravilhosos, hidramáticos. Que saudades!

O Expresso Brasileiro também, ao que parece, usava ônibus importados, os GM. Muito baixos, com o bagageiro na parte traseira. Não tinha pára-brisas traseiro. Como andavam.

Mas eu tomei a Viação Cometa. Disso estou certo.

Quando o "Chico Landi" abriu as portas da oficina nos fundos de sua casa da rua Afonso Braz — onde está até hoje — já me encontrou no portão. Olheiras negras e fundas, coração aos pulos e aquela emoção. Emoção como poucas vezes havia sentido.

Desse tamanho acho que só quando eu comprei o caminhão do Baiano. Sim, do Baiano, "seu Miguel", dono da banca de jornais ao lado da Matriz. Aquele "Baiano" magro e alto, boa praça, amigo de todos, dos mais humildes aos mais importantes. Ele curava verrugas de toda a cidade. Não raro ele parava de atender seus fregueses, tirava de dentro dos bolsos uma latinha e fazia uns negócios diferentes. E curava mesmo. Sei que muitos podem testemunhar.

Emoção, igual, no gênero, só mesmo quando eu comprei o caminhão Chevrolet 1929 do Baiano. E já estávamos em 1955.

Precisava entregar pneus por toda a cidade. Até então eu os embarcava por via férrea e depois pagava um carroceiro para entregar. Pegava um qualquer, dos muitos que faziam ponto no largo da Estação da Vila Arens.

O movimento estava aumentando e já comportava ir retirar os pneus no Donato Paschoal em Campinas. E como eu estudava lá, às vezes ia à Faculdade de Direito com o caminhão Chevrolet. Dos velhos — um ano mais novo do que aquele do Mazzaropi. Meus colegas de classe desfilavam Chevrolets conversíveis. Último tipo. Mas garanto que minha satisfação era maior. Aqule caminhão era meu. Comprado com o meu dinheiro. Cr\$ 18,00 Sim, Cr\$ 18,00. Lembro-me bem.

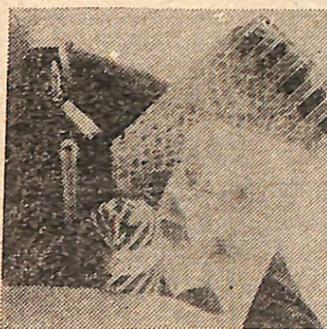
Era verde. Pintado com pincel. Carroceria perfeita. Assolho de madeira. Cortininhas de enrolar nas portas. Rodas aro 20. 6,50x20,6 lonas na frente, 7,00x20,8 lonas na traseira. Estofamento novo, marrom. E um grande negócio. Pegava na partida. Na primeira. E' verdade que tinha que puxar o afogador. Mas isso não é demérito. Minha Caravan nova também tem que usar o afogador pela manhã. Até os faróis acendiam.

Pelo resto da vida jamais tornei a comprar outro carro verde. Não sei como os fabricam. Não sei como os vendem. Tal o amor e a emoção pelo caminhão Chevrolet (tinha também 4 marchas), que à noite, depois de "dar uma ciranda" pela Barão e Rosário, eu o levava no Posto, lavava e ainda dava um "polimento" com Simoniz. Simoniz importado.

Mas o "Chico Landi" olhou, cumprimentou e convidou para entrar. Ele já me conhecia de nome. Imaginem, o "Chico Landi"...

ANTONIO CARLOS AVALONE

SUPERMERCADO ELIAS



ONDE OS PREÇOS SÃO SEMPRE OFERTAS

R. BOM JESUS DE PIRAPORA 2757-63 FONE: 4-1775
ESTACIONAMENTO PROPRIO

COMPRE A PRAZO

E SEM JUROS NO



REI DAS

ROUPAS

barão

782-788

FEITAS

Paulista F.C.

50 anos de glórias

(3.a Parte)



O Paulista de Jundiá disputou 11 partidas em 1915, sendo 8 delas no campo do clube e as outras três em São Carlos, Campinas e Piracicaba. Não conseguimos saber os resultados desses jogos todos, mas vamos registrar aqui um fato digno de nota ocorrido durante a realização de um desses jogos amistosos. Foi no jogo realizado na cidade de Campinas, contra o "Campinas Black Team". O Paulista, para ir àquela cidade, recebeu Cr\$ 25,50 (vinte e cinco cruzeiros e cinquenta centavos antigos); gastou na viagem Cr\$ 18,30 (dezoito cruzeiros e trinta centavos antigos), fazendo retornar aos cofres sociais o "troco" de Cr\$ 7,20 (sete cruzeiros e vinte centavos antigos).

Bons tempos aqueles, não há dúvida, pois vemos agora, no profissionalismo, grandes quadros, com jogadores famosos, só aceitando exibir-se em amistosos em troca de verdadeiras fortunas.

Como chegou água ao campo — Em 1915, a Vila Leme não passava de um vasto terreno entre as ruas Anchieta e São Vicente. Iniciava-se na rua 11 de Junho, na esquina ao lado, onde hoje está o Clube Jundiáense, e terminava em frente ao Cemitério. Não contava com mais de uma dezena de casas, incluindo o Hospital São Vicente de Paulo. Tudo era difícil: água, luz, esgoto...

Para que o Paulista FC conseguisse levar água a seu campo foi necessário recorrer ao dr. Olavo Guimarães que, à época, era o prefeito de Jundiá. Foi assim, com a ajuda da Prefeitura, que a água encanada chegou ao campo do tricolor. Mais que qualquer comentário, fala este voto de louvor, encontrado na ata da reunião da diretoria do clube realizada em 18 de junho daquele ano:

"Voto de louvor"

"A Diretoria do Paulista FC, em sua reunião de 18 de junho de 1915, resolveu, por unanimidade, lavar o presente voto de louvor ao sr. dr. Olavo de Queiroz Guimarães, digno Prefeito Municipal, pelo seu ato lovabilíssimo de mandar instalar gratuitamente a água no galpão da sociedade, assim pela não cobrança do precioso elemento, manifestando, pelo fato, em nome de todos os associados do clube, o seu profundo agradecimento. (a) Guilherme Aranha, secretário."

Outros melhoramentos — Cuidava ainda a diretoria de melhorar ao máximo o campo. Em 17 de maio, o clube dirigiu um ofício ao diretor do Instituto Agrônomo de Campinas, solicitando mudas de bambus para cercar e dar sombra ao terreno que era completamente despidido de qualquer arvoredo. Não sabemos se esse pedido foi atendido, pois, nas correspondências subsequentes, nada mais encontramos a respeito.

O que contava o balancete — Quando a diretoria recebeu a sociedade em 1915, existia um saldo em caixa de Cr\$ 73,40. Considerando-se que naquela época o custo de vida era bem inferior ao de hoje, e que uma bola de futebol custava Cr\$ 5,00, podemos julgar que os dirigentes anteriores deixaram o clube com um apreciável saldo em caixa.

Na reunião da diretoria, em 5 de abril,



apresentou o balancete do primeiro trimestre daquele exercício com os seguintes dados: Receita — Cr\$ 401,30; Despesa — Cr\$ 174,20; Saldo — Cr\$ 227,10.

A diretoria trabalhava com entusiasmo para chegar a ter tal importância em caixa, que era considerável para a época, podendo-se mesmo afirmar que o Paulista se encontrava em ótima situação financeira.

Evidentemente, os dirigentes olhavam com carinho a parte das finanças. Para que o sr. Nestor de Paula Simões fosse nomeado zelador do material esportivo, com o ordenado de Cr\$ 5,00 mensais, o assunto foi debatido em reunião de diretoria antes que o clube resolvesse tomar esse encargo.

Já nos últimos dias de dezembro, a diretoria tomava mais ânimo, pois o sr. Tibúrcio Siqueira autorizou que se aumentasse o aluguel da sede de Cr\$ 20,00 para Cr\$ 25,00 por mês, em reconhecimento pela limpeza e arrumação dos móveis existentes na mesma e que era feita pela proprietária do prédio localizado à rua Barão de Jundiá, n.º 20.

O que era a disciplina no clube — Os casos de indisciplina, naquela época, eram tomados muito a sério. Narraremos aqui um incidente que bem comprova esta assertiva.

No domingo, 18 de abril de 1915, na segunda rodada do campeonato interno, houve um atrito entre dois jogadores e um diretor do clube, sendo este agredido por aqueles.

Em sua reunião de 21 do mesmo mês, a diretoria resolveu convocar a Assembléia Geral para tratar do "caso" — que qualificava como muito sério — e, como medida acauteladora para a moral do clube, deixou suspensos os dois jogadores até final deliberação da assembléia. Esta se realizou no dia 27, com o comparecimento de 52 associados (mais de 2/3 dos sócios, de acordo com os estatutos). Os jogadores acusados, fazendo-se presentes, apresentaram sua defesa através do sr. José A. Braga, que historiou os fatos e pediu aos presentes a absolvição de ambos, solicitando também ao diretor ofendido que os perdoasse. Tomando da palavra, o diretor em questão disse serem naquele momento os sócios presentes os supremos juizes e que só a eles caberia o julgamento. Entretanto, dis-

pos-se a atender ao apelo do sr. Braga, perdoadando os jogadores indisciplinados.

O "caso" foi dado assim por encerrado, já que o diretor queixoso se manifestou com a atenção que os sócios lhe dispensaram, comparecendo à assembléia, como também aceitou as desculpas apresentadas pelos dois jogadores frente à reunião, que então não se realizou por desnecessária.

E' este um exemplo típico da mentalidade sadia que vigorava na época. Acima de tudo estava o bom nome da sociedade e o respeito recíproco entre dirigentes, jogadores e associados.

Um voto de louvor merecido — No transcorrer de 1915 encontramos o nome de um sócio que recebeu do clube um voto de louvor. O sr. João Batista Curado, já falecido, que foi farmacêutico além de professor no Instituto de Educação, ofertou ao Paulista os medicamentos necessários à formação da caixa de ambulância do clube. Este donativo foi objeto de referência na ata de 20 de agosto daquele ano, onde o sr. Tibúrcio Estevan de Siqueira fez com que fosse consignado um voto de louvor àquele sócio, nos seguintes termos:

"Voto de louvor — A diretoria do Paulista F.C., em sua reunião de 20 de agosto do corrente ano resolveu, por unanimidade, manifestar o seu mais sincero agradecimento, pelo ato benemérito do consórcio sr. João Batista Curado, oferecendo uma caixa de ambulância completa para as necessidades do clube. Assim sendo, consigna aqui o seu voto de louvor a esse ato digno de reconhecimento geral dos sócios. Jundiá, 20 de agosto de 1915. a) Carlos Cordtz, 1.º secretário".

A compra do campo — O primeiro passo para a compra do campo da Vila Leme foi dado na reunião da diretoria em 22 de janeiro de 1915, pois nessa ocasião ficou resolvido que os dirigentes tentariam levantar um empréstimo, por meio de debêntures, no valor de 5 cruzeiros cada uma, resgatáveis por sorteio de 10 ao mês e juros de 6% ao ano. O próprio sr. Tibúrcio Siqueira, presidente do clube, ficou encarregado de conversar com o proprietário do terreno para acertar o negócio.

Em 5 de abril desse mesmo ano, levou ele ao conhecimento dos seus companheiros de diretoria que havia se desincumbido do encargo e acertado a compra do terreno nas seguintes condições: — O valor do terreno seria de 1.400 cruzeiros, pagáveis em prestações de 100 cruzeiros mensais.

Foi desta forma que o Paulista adquiriu aquela área de terra medindo 140 x 70 m. Isto faz mais de 60 anos, quando o tricolor então se mudou para o Jardim Pacaembu, cada lote de 10 x 30 do seu antigo campo foi vendido por 250 mil cruzeiros.

Festas Cívicas — Apesar de ser o Paulista F.C. uma sociedade genuinamente esportiva, sua diretoria jamais descurou da parte social e cívica. As datas nacionais eram, naqueles tempos, comemoradas com passeatas. O clube recebeu um convite para se fazer representar na passeata de 15 de novembro. Nela estiveram os diretores, jogadores e associados, incorporados, dando maior realce à solenidade.

Na reunião de 2 de dezembro foi apresentado pelo secretário do clube um ofício de agradecimento do Centro Cívico desta cidade pelo comparecimento do Paulista na passeata acima aludida.

E aqui termina a narrativa dos acontecimentos mais importantes da vida do Paulista Futebol Clube no ano de 1915.

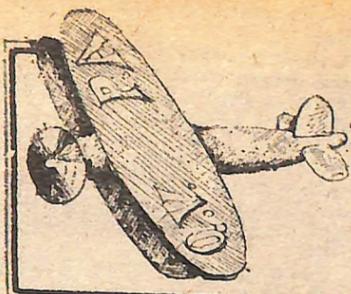
**No próximo capítulo (IV)
José Fagiano Júnior
estará relatando outros
episódios de grande
significado para a história
do Paulista F.C.,
tais como a eleição da
nova diretoria, que ficou três
anos à testa do clube.**

REI DOS CARTÕES
cartões de natal, calendários
cartões de visita, convites de formatura
impresso em geral
os mais variados tipos de convites de casamento
SERVIÇOS RÁPIDOS E PERFEITOS
r.dr. torres neves-541 fone 6.7720

CANTINA
JUNDIAIENSE

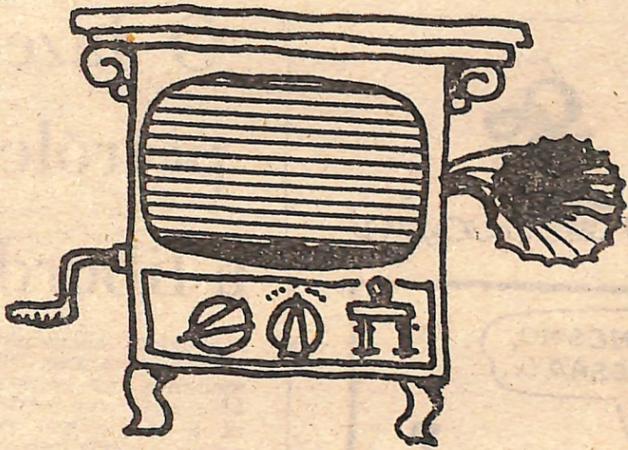
o
melhor
serviço
R. BARÃO 910

A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAI
LA' VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGITIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
EM FUNCIONAMENTO A PARTIR DE 10 DE OUTUBRO
r. antonio segre, 504 JARDIM BRASIL.



O QUE VAI PELOS ARES

Nostalgia audiovisual



Na sexta-feira da semana que vem, dia 17, às 9 da noite, a Rede Globo estreará uma série-documento "10 Anos de Sucesso — TV Ano 25", um painel dos mais importantes (segundo a Globo) momentos da tevê brasileira.

Fotos de artistas, videotapes, filmes, enfim, coisas que aconteceram desde 18 de setembro de 1950 dentro da televisão, esta-

rão sendo mostradas ao público da Globo.

O primeiro programa da série vai mostrar uma pequena antologia da história da televisão, principalmente da brasileira, e conterá depoimentos de Bibi Ferreira, Lima Duarte, Elza Gomes, Sandra Bréa, José Wilker, técnicos e profissionais que trabalharam desde os primeiros dias da tevê entre nós. (E.M.)

Muhammad, além do boxe

A TV Record transmitiu a luta entre Muhammad Ali e Joe Frazier, na última terça-feira. Um show de boxe e asneiras — estas por conta do cretino locutor que poderia ter usado a boca pra mascar chiclete, em vez de vomitar bobagens.

Ao final da luta, vencida por Ali no 14.º assalto (knock out técnico), a

câmara mostrou o campeão, sentado em seu córner, pensativo, talvez achando que a vitória — tirando a bolsa — seja pouco para um cara como ele.

Fiquei pensando: se eu fosse prelado de qualquer religião, como eu gostaria de ter Muhammad Ali entre os fiéis da minha seita! (E.M.)

Regina Duarte, agora sim

A crítica falou bem, o público que assiste fala bem. Por isso, é hora de você ir conferir "Reveillon", de Flávio Márcio, no Teatro Anchieta (SESC): rua Dr. Vila Nova, 245, na Capital.

O que a gente nota é que o público que frequenta teatro parece ter feito pouco de Regina Duarte, habituado que estava de vê-la melando as câmaras de tevê em papéis janeteclairianos.

Acontece que a moça dá show de interpretação em "Reveillon", dirigida por Paulo José. E o público reconhece e aplaude.

"Reveillon" fica em São Paulo apenas mais umas poucas semanas, devendo estrear no Rio, em seguida.

Anote os dias e horários: de 3a. a 6a.-feira, às 9 da noite. Sábados, às 8 e 10 da noite. Aos domingos, às 18 e 21 horas.

(E.M.)



Em "Reveillon" você vai gostar, com razão, de Regina Duarte

Pedaços de Samba-Canção

Quarteto em Cy está aí com um novo LP na praça: "Antologia do Samba-Canção". Com músicas de Lupiscínio Rodrigues, Antonio Maria, Dolores Duran, Carlinhos Lyra, etc., etc., todos compositores de ninguém botar defeito. O chato é que as músicas são cantadas aos trechos e quando você começa embalar numa, já entra outra muito boa também e não dá pra curtir nem uma e nem outra. Mas, mesmo assim, é disco que não deve faltar em casa: um registro de boas músicas brasileiras

Picoco

Não dá prá esnobar

Reunir Maria Bethania e Chico Buarque de Holanda num mesmo espetáculo é dose cavalari, ainda mais se levarmos em conta os musicais de nossa televisão. Os dois já bastam por si mesmos. Houve certa crítica ao show, porém, acredito por falta de pouco espaço, uma vez que foi no Canecão e os dois artistas são mais pro intimismo que pro grande auditório. O disco gravado ao vivo deixa transparecer o pouco a vontade dos dois intérpretes, mas é um documento que não podemos ignorar e, portanto, corra comprar.

Picoco



HORÓSCOPO

BALANÇA (23-9 a 22-10)

Balança, balança, te diverte. O play-ground está montado. Use a gangorra, corra na grama, faça o que quiser. Agora, pelo visto vale tudo. É hora de você mostrar-se também desequilibrado (a). Enfim passamos tanto tempo tentando equilibrar as forças, mas agora não dá mais. Forças, eu disse? Tensões eu não disse. Quantos pesos, quantas medidas, tudo em vão. Eu disse vão? Então vão, pô.

ESCORPIÃO (23-10 a 21-11)

Há um certo perigo nesta tua presença no zodiaco. Visto por este ângulo, mesmo assim não passas de um verme. Na assembléia deste opúsculo, serias criticado veemente-

mente. Afinal, ninguém é perfeito, digo, perfeito.

SAGITÁRIO (22-11 a 21-12)

Vives sempre nas vésperas das festas, teus melhores momentos. Esperas ansiosamente pelo teu papai Noel e festejas borbulhantemente o reveillon. Mas te pergunto, e a poupança? Porque nem só de 13.º vive o homem. Ah, sabes bem como usar tuas reservas... É, conheço bem estas histórias. Como nas fábulas, fazes como as cigarras? Sabemos que estamos na ocasião certa de mostrar a cabeça. Já que as viabilidades abundam, não mesmo? Quando todos mandam brasa, você disfarça, né?

CAPRICÓRNIO (22-12 a 20-1)

Feliz ano novo. Teus cas-

cos, teus trapos, tuas lãs. Teus passos, conheces o teu caminho. É bem verdade que tudo vai se repetir. Um pouco cansado? Quem não está? A monotonia do tomar partidos, assumir cargos, se aproveitar de situações, é bom para os neófitos, não é? Mas para você, que sempre usa a cabeça...

AQUÁRIO (21-1 a 19-2)

Você não entende, tuas reservas são muito limpas, das. E além disso, teu exibicionismo prejudica bastante. Já reparou como ninguém te olha como um todo? Mesmo teu conteúdo, é bastante insinuído. Não é à toa que você aude cheio...

PEIXES (20-2 a 20-3)

Quando é que teus pecados

vêm à tona? Eu disse pescados?

ÁRIES (21-3 a 20-4)

Carneiro, nesta selva? És rotariano? Fostes indicado pela edilícia para serdes transformado em cidadão? Conheces teus direitos? Tens bons advogados? Não digo que eu não avisei. Enquanto você fica dando de bonzinho, pulando cerquinhas pelaí, ninguém quer dormir no ponto. E vítimas todos somos, afinal... No fim aproveitam até teus berros.

TOURO (21-4 a 20-5)

É hora de investir.

GÊMEOS (21-5 a 20-6)

Mais duplicatas? Oh, desculpem, de tanto enviar xerócopias perdi o sentido.

Queiram entrar. (São mais dois votos, manera). Em que posso servi-los?

CÂNCER (21-6 a 21-7)

Mais cedo ou mais tarde, te descobrem. Ah, você é benigno. A quem, posso saber?

LEÃO (22-7 a 22-8)

Que é que há, bichano, perdendo a classe? Teus ataques não servem para a arena. Teu negócio é lero lero, puro Nero Nero. Não venha com essa que você é de circo. Em Roma, coma os romanos, não aqui, certo?

VIRGEM (23-8 a 22-9)

Dizem que cinto de castidade dá tétano.

DON TUPOLEV

PUFS!

Sepulcro mandou enterrar vivo seu santo pai.
Tertúlia foi uma célebre cortesã que viveu em fins do Século XIX e em cuja casa poetas e músicos se reuniam.
Silício foi um mártir romano que morreu com o corpo cheio de pregos.
Toulouse-Lautrec era uma dupla de bailarinas francesas que acabou quebrando as pernas, num salto, durante um número de dança no Moulin Rouge.
Sherlock Holmes é uma expressão inglesa que significa "Ela fechou o lar".

Comparado com seu antecessor, Ransés II foi uma verdadeira múmia.
Montparnasse quer dizer "meu palhacinho", em francês.
Enquanto o povo comia pão, Maria Antonieta, mesmo degelada, comia fatias de bolo.
Xantipa é uma sopinha grega à base de cicuta, comida favorita do filósofo Sócrates.
Artaxerxes é o nome dado às pessoas que falam sibilando.
Nosmoscada ficou famosa por suas previsões a respeito do futuro das Índias Ocidentais.
Cleópatra, brincando com cobras, era o fim da picada.
São Bernardo morreu ingerindo violenta dose de conhaque, em plena neve.
Alcauz é a única cidade árabe que manda bala na OPEP.

Caramuru matava índios apenas usando seu olhar de gavião.
Guilhotina foi uma cortesã francesa que perdeu a cabeça por causa de Luís XVI.
Dormente é um tipo de insônia que ataca os passageiros de trens noturnos.
A caveira de Hamlet continua falando inglês, até hoje.
Orfeu foi um sábio grego que morreu de sono, nos braços de sua mãe.
Cáucaso foi um czar muito branco que morreu no desterro.
Rive Gauche foi o mais famoso anarquista francês.
Suassuna é uma cobra do Nordeste que, ao picar, fica compadecida.
Guarda Suíça são soldados que tomam conta dos queijos do Papa.

ZARTEU

GIL



O lazer, o petróleo e a liberdade

Estamos chegando ao fim de mais um ano. Chega-me à memória um comercial de tevê que, com certeza, voltará a surgir nos vídeos: um grupo de crianças vestidas de anjo, arcanjos que são, cantam "Quero ver você não chorar/ não olhar pra trás/ nem se arrepender/ do que faz..."

Quem quer que se aventure nos fins de semana a viajar para qualquer lugar, usando para isso qualquer uma das principais estradas que saem da Capital paulista, surpreender-se-á, ao retornar no domingo à tarde, com o enorme volume de tráfego no sentido aferente à cidade de São Paulo.

No momento atual, em que a balança comercial brasileira apresenta saldo negativo em torno de 4 bilhões de dólares, quando o esforço para se aumentar as exportações não é coroado de êxito, e quando o maior percentual das importações corre por conta do petróleo, ficamos pensando se nós, o povo brasileiro, não somos muito atrasados com respeito aos interesses pátrios.

Fique-se, como vaca de presépio, a concordar com a situação; cale-se com os desmandos; emudeça-se frente à encampação da indústria brasileira pelas multinacionais. E o juízo futuro em nossa nos será favorável.

O Brasil está carente de pessoal, de finanças, e de cérebros, para resolver os inúmeros problemas que o atinge. E nós todos somos os responsáveis.

Há onze anos temos tranquilidade. Há onze anos tivemos progresso. E, ao fim, o que vemos é a falta de capacidade criativa, é o proceder alienante de uma já não mais juventude, que se cala ao surgimento de favelas de operários industriais, que se satisfaz com filmes pornográficos. E daqui para frente a fracassada geração, que se vai, cederá lugar a uma geração de eunucos, privada que foi de participar de um momento histórico, e que nada sabe fazer além de concordar.

E ficamos a queimar hidrocarbonetos como se a falta no cumprimento de nosso dever não pudesse impedir a concretização dos nossos direitos.

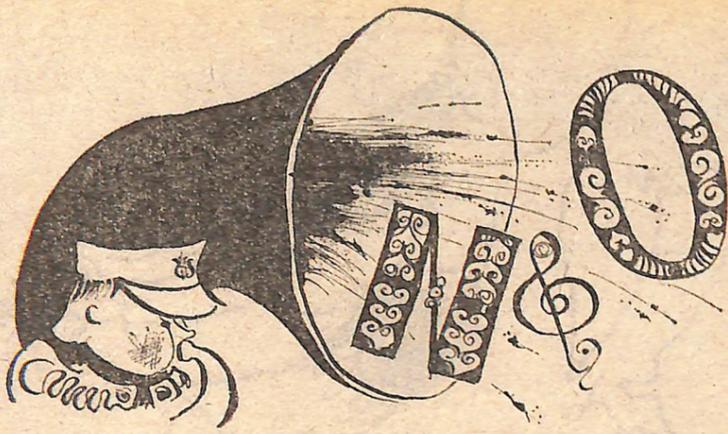
Não se fique esperando, o país precisa do esforço de cada um, sem subterfúgios.

O país que recebemos livre precisa ser entregue livre.

Moços, do topo dos Andes, pirâmides vastas, grandes, vos contemplam séculos mil. Perdão só pedirei aos meus filhos; do Governo quero justiça.

WOLF HERBERT NOSSACK

BORIS



VIA CRUCIS

A cidade está sendo tomada de assalto pelos nobres parlamentares, vindos dos mais distantes rincões, ostentando as mais variadas bandeiras. Aviso aos atuais navegantes: apertem lances âncoras. Cá, todos sempre foram bem-vindos. Que se tenha notícia, raros foram os parlamentares eleitos em Jundiá que representaram os anseios do nosso eleitorado. Entretanto, esse eleitorado existe. Esses anseios existem. Só que, às vezes, mal interpretados. Sempre que se chama qualquer dos atuais líderes políticos locais para um diálogo, dentro de um órgão de divulgação da cidade, ou eles pedem que se façam as perguntas por escrito ou então somem na poeira. Não assumem nem mesmo o compromisso acertado, digamos para às 19,00 horas do dia 2 de outubro de 1975. Não é mesmo, sr. presidente? Como é que podem assumir compromissos com toda uma população?

EDUARDO

ESTAREMOS VOLTANDO AOS TEMPOS DA "CAIXINHA"?

Por vias travessas, porque não temos acesso aos meandros administrativos, não obstante, sabemos que vem sendo feita uma "caixinha" lá na Prefeitura.

As informações adiantam que é para estipendar um "escritório" não se sabe de quem nem quem é "o pai da criança".

Mas logo se vê.

A cota dos secretários é de cem, a dos diretores setenta, dos chefes de divisão cinquenta e assim por diante, em grau decrescente.

A cobrança é feita no seio dos comissionados engrossados pelos colaboracionistas que se simpatizam com a situação.

Considerando-se o número de comissionados, pode-se ajuizar o volume da arrecadação.

A não ser que os fatos venham comprovar a procedência do alegado, isto é, que o tal "escritório" tem fins confessáveis, há que se pensar que estejamos retornando aos tempos da "caixinha". É o que procuraremos saber com o correr dos dias.

Grilo Falante

ATÉ QUE ENFIM

Descobriram a real utilidade da avenida Córrego do Mato e conquistaram a taça que estava em franca disputa pelos interessados nas coisas de Jundiá.

Agora sim, um grande amigo não titubeou, falou e disse: ótima para se andar a pé e de bicicleta. Será muito bom para o coração e a saúde. Mesmo para os que têm automóvel. Deixá-los estacionado e fazer o percurso a pé.

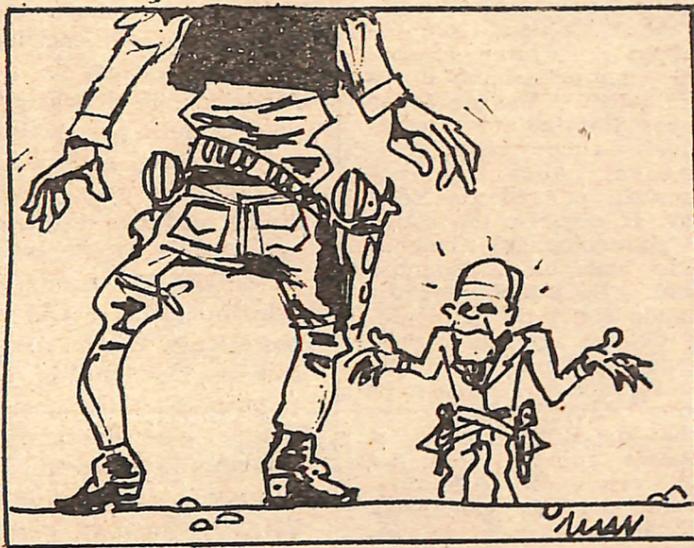
Por enquanto é isso mesmo, leva a taça. Daqui a não se sabe quantos anos, a conversa será outra.

Uma avenida, das mais caras do mundo, já tem, pelo menos uma atilidade recomendada no tratamento de incômoda doença, sem gasto e sem dor.

Vamos caminhar a pé na avenida Córrego do Mato, meus amigos, candidatos como nós à prostatite, já que ultrapassamos a casa dos 50.

VT

AUDIÊNCIA CALIBRE 45



Segundo "Le Nouvel Observateur", crescem as chances eleitorais de Gerald Ford.

Mais uns dois ou três atentados e o homem estará liderando as pesquisas de opinião pública.

Já o deputado Thomas Foley, ao saber em Washington do segundo atentado, declarou: "Observem que, pela primeira vez, temos um presidente que merece ser assassinado". (E.M.)

ESSA CRIANÇADA...

Haja saco! Toca explicar tudo!

Abelardo, meu filho, pega de novo o J 2.a. Leia de novo o que eu escrevi. Entendeu, agora? Eu disse que o MDB estava unido naquela época, meu gatinho, durante a convenção municipal.

Vê se trabalha direito, meu anjo, ou eles aí vão te mandar embora do emprego. De novo.

Quanto às aspas, enfia elas, meu filho.

Um beijo da Maria de Lourdes, do Tonico e deste intelectual. Pra tua mãe, também. (E.M.)

A FILOSOFIA DA ARENA

O vereador Henrique Victório Franco anunciou, da tribuna da Câmara, na última quarta-feira, que o Diretório Municipal da ARENA "pretende criar a conceituação do que realmente o partido situacionista pretende dentro deste município" e adiantou que, dentre as pretensões arenistas, está "a conscientização de desenvolvimento da cidade".

Falou, também, que "havendo uma sucessão de prefeitos do mesmo partido", haverá uma continuação do plano de ação, do plano de obras do prefeito atual, para que haja menos gastos e menos ônus para os munícipes. Filosofia partidária está aí! E o MDB, o que está pensando? (C.F.P.)

RENATO SOSSI EXPÕE E VENDE

Renato Emílio Sossi, um bom desenhista, está expondo na "Alternativa" (Centro de Educação e Criatividade), em São Paulo.

A exposição vai até 9 de outubro apenas e funciona de 2.a a 6.a-feira, das 9 às 12, das 14 às 18 horas. Aos sábados, das 9 ao meio-dia.

Vale a pena ver (e comprar) os trabalhos do Renato. Anote o endereço: avenida Vereador José Diniz, 413, Brooklin (paralela à avenida Santo Amaro, altura do "Borba Gato"). (E.M.)

AGORA V. JÁ PODE SABER O QUE É ZETISERVE



Dia 9 deste mês, quinta-feira, José Roque Paoletti Iacovino, Vera Maria Negrão D'Angieri, Attilio D'Angieri Neto (Tioca) e Sérgio Paoletti Iacovino estarão apresentando às autoridades e muitos convidados especiais o resultado da união de seus esforços — e também de seus nomes — para dar aos jundienses um lugar gostoso de se ir, bater papo e ser bem servido. De José saiu Zé, de Tioca o Ti de Sérgio o Ser e de Vera o Ve para formar o nome da nova lanchonete: Zetiserve. Fica na av. Antonio Segre 504, facilmente reconhecida pelo luminoso que há na fachada, ao lado de outro que anuncia a especialidade da casa: frango frito pelo processo Chicken-in. A decoração interna, com lareira, lampões, vitrais, como a própria construção, lembram o estilo colonial, mas ela vai se completar com mesas e cadeiras no estilo tirolês.

No pátio que contorna o prédio e se amplia nos fundos vão ser colocadas cadeiras típicas de praia e piscina, onde o pessoal poderá ficar totalmente à vontade tomando seus aperitivos acompanhados de frango frito em pedacinhos, batatinhas fritas, espetinhos etc. Sexta-feira você já poderá conhecer tudo isso, indo lá com sua namorada ou com a família. (C.F.P.)

DEBS... E SÓ

O baile das debutantes do Clube Jundiense esteve muito bom. A organização foi da Rede Feminina de Combate ao Câncer e o casal Dulce-Victor Simonsen paranimfou.

Pena que o clube não dá maior ênfase também às suas atividades cotidianas, ficando, em toda brincadeira, quase todas as cadeiras vazias. Lamento. (Sandra)

LARANJADA PRA ELES!

Estamos ouvindo de muitos de nossos assinantes que eles não estão tendo tempo suficiente para ler o jornal por inteiro durante a semana, ficando sempre alguma coisa sem ser lida quando já chega o número seguinte. Pedimos, por isso, a colaboração dos nossos amigos médicos do INPS, voltando a receitar laranjada purgativa, pois isto sei que vai quebrar o galho pelo menos daqueles que costumam ler este jornaleco no banheiro.

(W. H. N.)

DEUS ME LIVRE!

A revista *Manchete* desta semana focalizou o "caso" Jacke Onassis & Frank Sinatra num artigo intitulado "Até que o Máfia os separe". Esta notinha é pra dizer que, quanto à matéria, "não li e não gostei". (Plagiar Oswald de Andrade?? lindo, não acham?) Pois a inocência do título me desencorajou a comer o prato. Como pode "Até que a Máfia os separe"? Será que ninguém (só eu?) sacou, aqui no Brasil, que foi a Máfia que os juntou? E, assim sendo, será que alguém vai separar o que a Máfia juntou? Será?

(Cel. I. A.)

J. 2.ª, O MAIS EMPRESTADO

Numa rápida pesquisa que estivemos fazendo pela cidade, descobrimos que o *Jornal de 2.a* está em primeiro lugar na leitura, embora não o esteja ainda quanto ao número de exemplares vendidos nas bancas.

Quer dizer: está sendo o jornal mais emprestado (disse emprestado, não o que pensaram) de todos que existem por aí. Essa ninguém rasga! (W. H. N.)

MASSA FALIDA

Você pensa que é dona da vida/No entanto é massa falida/ dos velhos tempos de Paz./ As novas regras do jogo/ exigem alma de fogo/ O teu navio já deixou o cais/ O teu navio já deixou o cais.

Se você não ouviu, não cantou, não assobiou, não comprou o disco, não espalhou... você está por fora! Não morou, não sacou?! Dá licença: você já morreu. Contudo... esqueceu de deitar!

(CEL. I. A.)



**A LANCHONETE SOFISTICADA DA CIDADE
O LUGAR QUE ESTAVA FALTANDO EM JUNDIAÍ
LÁ VOCE VAI PODER SABOREAR O LEGÍTIMO
FRANGO FRITO SERVIDO PELO
PROCESSO CHICKEN-IN
EM FUNCIONAMENTO A PARTIR DE 10 DE OUTUBRO**

r. antonio segre, 504 JARDIM BRASIL.

Tango americano

A tese do jornalista Newton Carlos propõe um Brasil de los brasileiros. Calma, explicamos. Quando Simon Bolívar tentou a unificação das Américas, partindo da América Latina, existiu, na ocasião, todo tipo de oposição possível. Ele queria uma América Espanhola. Era um libertador enquanto o Brasil era colônia. Então nada mais simples que incorporar esse território às intenções do nobre cidadão. Simon Bolívar morreu sem ver este acontecimento. Aí veio a Independência e ficamos com toda a carga da cultura portuguesa nas costas, estas com mais de duzentas milhas submarinas, segundo versões mais atualizadas. E no continente também. Aos poucos, formamos nossa própria cultura. A cana de açúcar foi a que deu início a diversos ciclos subsequentes. Pois bem, enquanto todo o continente fala, basicamente o espanhol, nós nos mantemos fiéis ao português, ainda que com sotaque. Todos aqui falam português com sotaque: os italianos, os espanhóis, os búlgaros e armênios, os japoneses e os próprios portugueses. Mas a língua os une. De Roraima ao Chuí. Dai pra frente, a coisa muda. Em todas as regiões fronteiriças, realmente, segundo o jornalista, pergunta-se, como é que por aqui, neste vasto território, fala-se, escreve-se, pensa-se diferente. E, principalmente, ouve-se diferente. Cada vez que ele, ou qualquer um de nos outros saímos do Brasil, sentimos certa dificuldade em responder a estas inquietantes questões. Porque teimamos em sermos diferentes? Culturalmente sofremos alguns óbices.

Por exemplo, dia 28, domingo, teve no Anhembi um espetáculo, diferente e estranho, chamado: "Uma noite em Buenos Aires". A TV Globo anunciou fartamente e o Palácio das Convenções foi aberto, de modo informal, para receber os frutos de tal anúncio. Ao todo, 3.300 curiosos, na primeira sessão. Casa lotada. 3.300 na segunda e o mesmo número na terceira. 9.900 espectadores ao todo, numa só noite.

Então vamos aos fatos: Tango, segundo a Enciclopédia Britânica, na qual nos apoiamos para depoimentos mais precisos é definido como uma dança lenta e graciosa em tempo 2/4. É provavelmente originária de negros africanos mas em 1911 foi popularizada nos Estados Unidos e subsequentemente, na Europa. Tem muito em comum com a habanera cubana, nunca popularizada (NR). Daí, quando no meio deste ano, houve uma tremenda onda inflacionária na Argentina, e que todos foram lá comprar lá e couro a preço de banana, é que se deu conta que o tango era tocado nos vapores das noites boêmias portenhas, é que se criou um vasto interesse por este ritmo, aqui no Brasil. Durante a depressão argentina, o que se viu, mais uma vez, foi um movimento pré-carnavalesco, quando eram revividos todos os antigos sucessos e todos dançavam alegremente o samba, a



marcha, nos cabarés argentinos. E ficavam bem felizes.

Quando o espetáculo começou, houve um momento de expectativa. O que seria tocado? O tango? O samba? A marcha? Impossível prever. Tinha um violão e um homem na penumbra. Quando ele começou a cantar, aí sim, foi em castelhano e era um tango. Voz de baixo tuba, totalmente irrefutável. Falava grosso e insinuava aquela unidade prevista por Simon Bolívar. E o poyo (se assim se pode chamar) atendeu. Nem um chiu. Silêncio total. Só aquela voz tomando conta do ambiente. E diga-se, que ambiente! Todo mundo de paletó de couro, angorá, cashemir, com saudades dos precipícios de Buenos Aires. A platéia, enorme, circular, de concepção absolutamente perfeita, com acústica perfeita, concreto aparente, carpete grosso, poltronas recuáveis, conforto absoluto. Visão total de cena. Mas o cenário, inexistente. A produção descuidou-se. Talvez não contasse com tamanho atendimento aos apelos. Talvez não acreditasse que o movimento São Paulo-Buenos Aires tivesse sido tão profícuo quanto foi. E que a língua, essa falada ali no palco e lá na capital argentina, tivesse tocado tão profundamente àquele pessoal ali presente.

Em todo caso, Jorge Sobral conseguiu hipnotizar o pessoal. Em seguida entra em cena um casal bem disposto. Música ambiental e novamente tango, aquela música lenta e graciosa, e vamos lá: os dois se põem a dançar. São "Los de Cobre". Ou podiam ser "de ouro". Não têm ginga, não têm chamignon, mas têm métrica.

Quase um sistema métrico. Desenvolvido de saias curtas e de paletós longos, a dois, dança de contato corporal, sensualíssima, feita para palco ou para salões. Diga-se que o samba é mais quente, neste linguajar do Newton Carlos, por razões climáticas.

Mas essa dança, como foi descrita pela enciclopédia, popularizou-se nas Américas, já é urbana. E no caso, feita para ambientes restritos, mais para portuários e seus descendentes que para as grandes avenidas cheias de asfalto e lampiões. E fala uma língua romântica e não menos quente. Basta saber escutá-la. Ou dançá-la. Neste propósito, tivemos nós, aqueles que viveram, essa informação vinda via Hollywood, nos passos de Rodolpho Valentino e senão nossos avós, pelo menos nossos pais já se amaram muito ao som e à imagem desses filmes que influenciaram bastante nossa formação cultural. Aos saudosistas, um grande passo no passado.

Mas havia, no programa, um apelo à juventude. Uma mocinha de vestido longo, em azul, de tecido de tela indiana, loira, alta e meiga. Foi anunciada como o "Anjo do Tango" e chamava-se Rosana Falasca. Mas podia também chamar-se Rita Lee. Só que, de mutante, nada. Falava baixinho, suave. Anunciou "Madreselva". Todo mundo aplaudiu. Aí ela encheu o Palácio. Uma voz limpa. Não gritou, não esperneou. Mas deu um

baita recado. Depois dela, tudo podia aparecer. E apareceu. Veio o Sexteto de Tango. Dois bandoneons, dois violinos, um piano e um baixo. O famoso bandoneon era incorporado às mãos do instrumentista, que ousava quebrar o instrumento toda vez que queria dizer que estava sofrendo. Aí, o piano, que era tocado por um paletó azul, bem iluminado, que se movimentava num só sentido, respondia languidamente. É estranho que todos entendiam. Que linguajar. Que retórica!

Quando entrou o Raul de Funez, então, foi a apoteose. Ele foi precedido pelo Sobral, que num verdadeiro momento de fraqueza, convidou todos a entoar "Garufa" e foi plenamente atendido. O Raul, então, corajosamente, resolveu cantar para 3.300 pessoas sem microfone. No peito. E ninguém reclamou. Eram todos ouvintes. Na segunda parte, mais ligado, conquistou os aplausos e machucou todos os corações.

Nesta altura, já se tinha passado todo o tempo regulamentar. Em pé, veio o bis. Mas não veio. O programa imposto pela televisão previa uma outra sessão seguinte, e como nosso programa é restrito a tais ditames, fomos desligados destes incríveis problemas latino-americanos e voltamos a Jundiá.